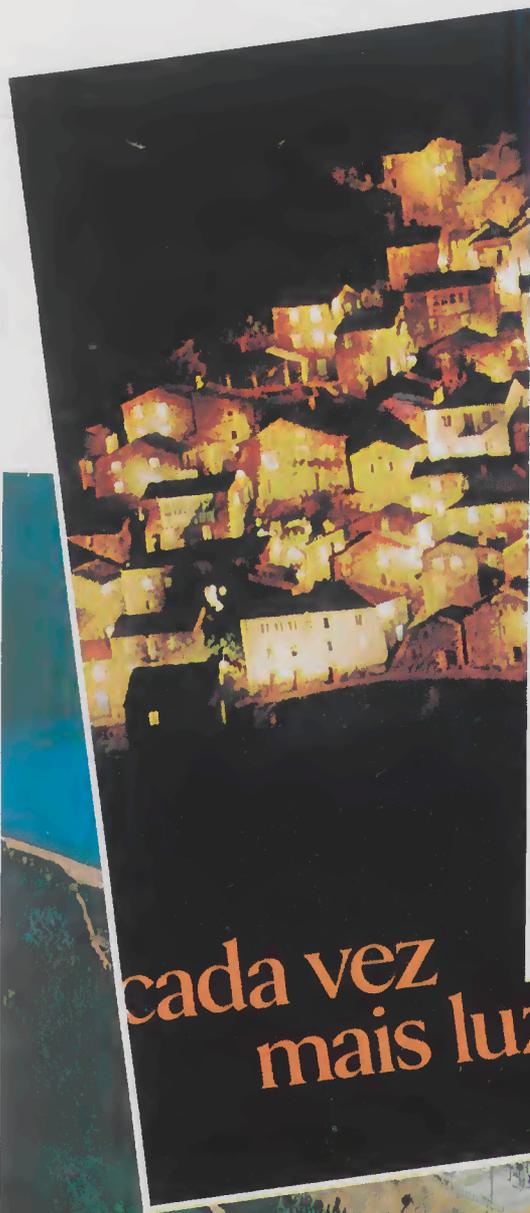
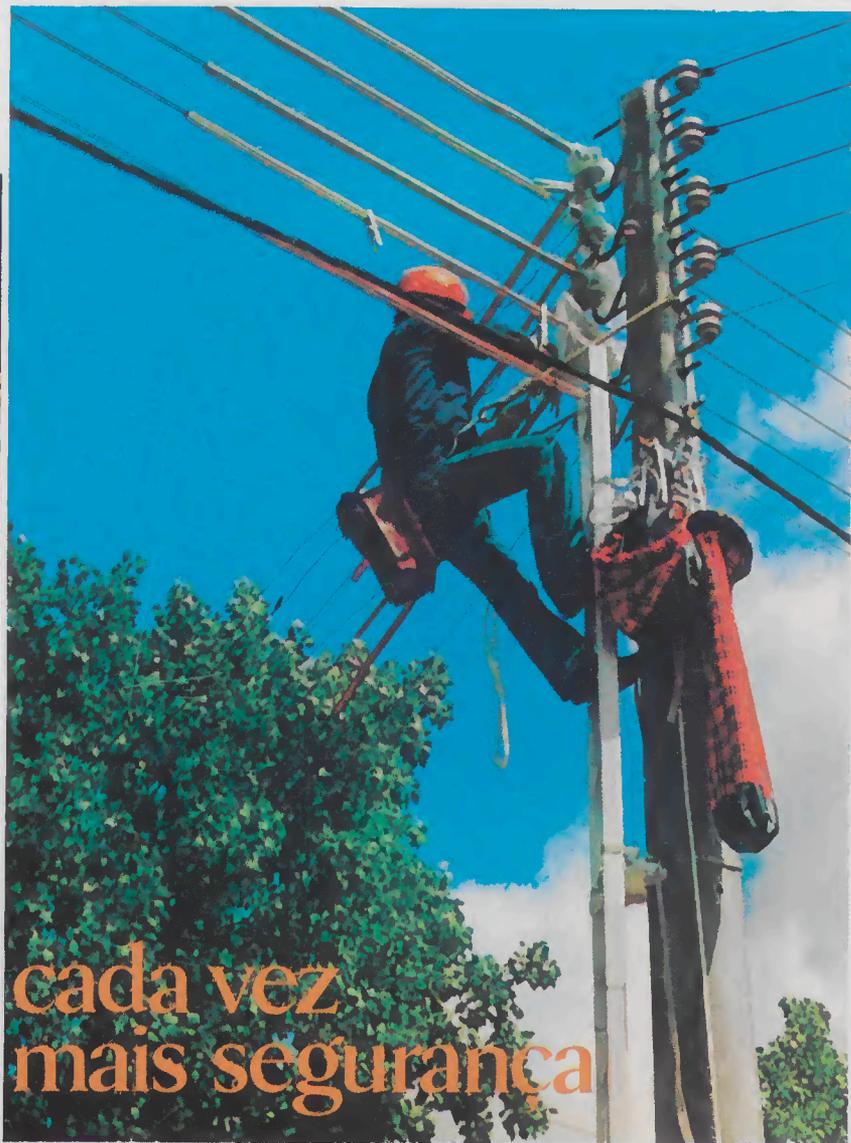


Revista EDP

N.º 1 Maio/Junho de 1988



**cada vez
mais luz**



**cada vez
mais segurança**



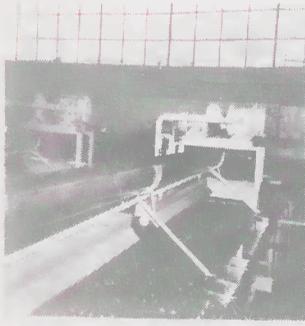
**cada vez
mais técnica**

...e agora também

**RENDIBILIZAR
E RACIONALIZAR**

POUPE
ENERGIA





6

Uma síntese do Balanço Energético, relativo ao ano passado, revela que o consumo de electricidade aumentou, no nosso País, 4,5%. Outro dos números apurados (um decréscimo da produção térmica de 8%, relativamente ao ano de 1986) é suficientemente elucidativo quanto ao facto de hoje ser, por vezes, mais económico importar electricidade do que obtê-la, nas nossas centrais, pela queima do carvão ou de fuel.



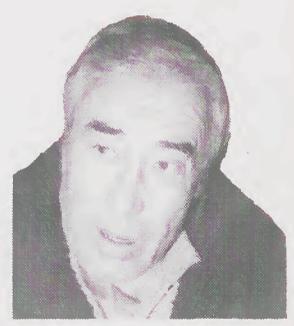
7

O eng. Raul Bessa, Presidente do Conselho de Gerência da EDP, faz o ponto da actual situação da nossa Empresa, numa entrevista a que dedicamos três páginas. Em termos de gestão a palavra chave é «evoluir», não escondendo o principal responsável pela EDP que a situação financeira da Empresa é «preocupante». Estes, apenas dois aspectos, dos vários temas abordados.



11

Uma antena de televisão pode dizer mais, pode dizer muito mais, do que a simples existência de um receptor de programas da RTP. Nalguns casos, e são já algumas centenas deles, no nosso País, a antena televisiva revela o local de um posto da Telescola. Ali a electricidade é uma potencial aliada no combate ao analfabetismo e à ignorância. Uma batalha em que — diga-se — nos orgulhamos de participar.



17

Uma nossa colega dos Serviços Médicos, Edite Pereira, é, nem mais nem menos, mulher de um dos mais altos expoentes do romance português contemporâneo. Referimo-nos a José Cardoso Pires. Em conversa franca com o redactor, Cardoso Pires diz que «não há nada mais negativo do que escrever para a gaveta». Mas, acrescenta: «tão importante como escrever é fazer com que alguém nos leia».

A NOSSA CAPA

Revista EDP



Electrificado o País, a rendibilização de recursos e a racionalização dos métodos são, hoje, vector fundamental da gestão da EDP

PIRILAMPO

Poupe Energia, um desenho de Isabel Cristina Silva Manadas 2

ENTRE NÓS

Admissões e Baixas na Empresa 4

CONVERSA COM O LEITOR

Servir o Público: nossa última finalidade e nosso primeiro objectivo 5

EDP EM NÚMEROS

Consumos aumentaram 4,5% em 1987 6

ENTREVISTA

Evolução da EDP garantirá um serviço de qualidade 7/8/9/10

EU, E A ELECTRICIDADE

Energia Eléctrica alimenta 1200 postos de Telescola 11

REPORTAGEM

Consumidores de Lisboa contam-nos os seus «problemas» 12/13

EM FOCO

Gestão de stocks: a difícil procura do equilíbrio 14/15

TEMPOS LIVRES

Ir na Rádio até ao fundo 16

AQUI E AGORA

José Cardoso Pires, «Alexandra Alpha» e o Portugal que nos mentem 17

PEQUENOS ANÚNCIOS

..... 18

PALAVRAS CRUZADAS

..... 18

CORPO 12 PARA:

COSTA PEREIRA: um arquitecto reformado que recusa a inactividade 19

CASA VIVA

..... 20

CONSULTÓRIO

Sabemos tudo! ou não? 21

QUEM É QUEM

..... 22

NOTICIÁRIO

..... 23/24/25/26

CURTO-CIRCUITO

Um Cartoon de Zé Manel 27

Director: JOSÉ CORRÊA FIGUEIRA

Publicação bimestral da Electricidade de Portugal, EP-EDP, editada pelo Gabinete de Relações Públicas e Informação

Direcção e Redacção: Av. José Malhoa, Lote A/13 — 1000 LISBOA — Tel: (01) 726 30 13

Distribuição: Gratuita a todos os trabalhadores da EDP. Tiragem: 28 500 exemplares

Fotocomposição, Montagem, Impressão e Acabamento: CEIG — Cooperativa de Edições e Impressão Gráfica, CRL

A transcrição total ou parcial dos artigos publicados é autorizada desde que citando a fonte

A vida de uma empresa, mas muito em especial a vida de uma grande empresa, como a EDP, tão dispersa geograficamente, também passa pelo movimento do seu pessoal.

Nesta página, tentaremos manter, com a actualização que for possível, as admissões e baixas na empresa, certos de que assim contribuiremos para um melhor conhecimento de quem somos, o que fazemos e onde estamos.

ADMISSÕES NA EMPRESA

N.º EDP	Nome	Departamento	Função
308 749	Elisa Manuela Almeida	DOEH-Est. Torrão	Licenciado I

BAIXAS NA EMPRESA

N.º EDP	Nome	Departamento	Função	Motivo
113 867	Francisco Gerales Lopes	EC-DAL	Motorista	Ref. invalidez
050 237	Francisco Gonçalves	EC-DSM	Escrit. Exp. Médico	Ref. velhice
063 436	João Vicente Carvalho	ASG	Assessor CG	Ref. antecipada
145 157	Amadeu Afonso Santos	DOEH-EHIM-Porto	Prog. Informático I	Cooperação Externa
047 619	Jaime Maia Barreiros	DOEH-Est. Torrão	Fiscal C. Civil III	Ref. antecipada
290 157	José António Fonseca	DOEH-Est. A. Lindoso	Bacharel I	Demissão
051 764	Manuel Campos Pereira	DOEH-EHOE-Crestuma	Cond. M. Eq. T. Esc.	Ref. invalidez
168 661	António Joaquim Correia	DOEX-ERAT-Sacavém	Escrit. Armazém	Cooperação Externa
121 282	João Batista Duarte	DOEX-PT-C. Carregado	Anal. Químico II	Ref. invalidez
056 804	José Marques	DOEX-PHALD-Régua	Contínuo I	Ref. velhice
076 430	José Ribeiro Pinto	DOEX-PH-Porto	Escrit. Pessoal I	Ref. velhice
088 447	José Sousa Lobo	DOEX-PHALD-Régua	Cozinheiro I	Ref. invalidez
186 627	Maria José Fernandes	DOEX-PH-Porto	Escrit. Pessoal II	Demissão
044 636	Maria José Neves	DOEX-TTAD-Sacavém	Telefonista	Ref. antecipada
080 845	Maria Lourdes Melo	DOEX-ERLN-Lisboa	Escriturário III	Ref. velhice
116 467	Maria S. José Passos	DOEX-PT-C. Carregado	Telefonista	Ref. invalidez
088 072	Sebastião Marques Ferreira	DOEX-PHCY-Caniçada	Serr. Mecânico II	Ref. velhice
237 019	António Máximo Henriques	DODN-DNAD-Aveiro	Chefe Dep. OF	Ref. velhice
226 416	Armindo Fernandes Cunha	DODN-DNGMR-Fape	Leitor-Cobrador	Ref. antecipada
076 724	Aurélio Rodrigues Santos	DODN-DNEX-Porto	Calculador I	Ref. velhice
287 296	Belmiro Ferreira Flores	DODN-DNBRG-P. Vazim	Caixeiro Armazém	Despedimento
175 994	Biblimo Ferreira Silva	DODN-DNVRL-V. Real	Leitor-Cobrador	Ref. invalidez
083 895	Custódio Pereira Silva	DODN-DNEQ-Porto	Ferramenteiro	Ref. velhice
131 172	David Saturnino	DODN-DNAD-Porto	Escrit. Finanças II	Ref. velhice
240 958	José Mendes Duarte	DODN-DNMTS-Matosinhos	Leitor-Cobrador	Ref. invalidez
241 180	José Silva Dias	DODN-DNMTS-Matosinhos	Ped. Acab./Trolha	Ref. invalidez
240 095	Luis Pinto Almeida	DODN-DNPNF-M. Canaveses	Fiel Armazém I	Ref. antecipada
248 606	Manuel Armando Santos	DODN-DNSJM-Feira	Elect. Redes BT II	Ref. invalidez
225 266	Manuel Pinto Carneiro	DODN-DNPNF-Amarante	Elect. Redes BT II	Ref. antecipada
277 495	Manuel Vale Martins	DODN-DNMTS-V. Conde	Pedreiro Canteiro	Ref. invalidez
118 630	Maria Arnaldina Silva	DODN-DNAD-Porto	Escrit. Finanças II	Ref. invalidez
125 415	Maria Joaquina Ferreira	DODN-DNAD-Porto	Contínuo I	Ref. invalidez
179 299	Albertino Lobo	DODC-DCCBR-Coimbra	Elect. Redes BT II	Ref. invalidez
178 500	António Couceiro Jorge	DODC-DCCBR-Coimbra	Leitor-Cobrador	Ref. invalidez
046 981	António Madeira Ferrão	DODC-DCSEI-Seia	Chefe Dep. 3E	Ref. antecipada
179 230	António Santos Heleno	DODC-DCCBR-Coimbra	Elect. Redes BT II	Ref. invalidez
184 969	António Silva Pessoa	DODC-DCCBR-F. Foz	Elect. Redes BT II	Ref. invalidez
095 486	Augusto Oliveira Silva	DODC-DCCBR-Anadia	Motorista	Ref. invalidez
269 913	Celso Gomes Silva	DODC-DCVIS-Viseu	Escriturário II	Ref. invalidez
259 330	César Duarte Toscano	DODC-DCCBR-Anadia	Assist. Administ. I	Ref. invalidez
179 248	Fernando Alexandre Pereira	DODC-DCCBR-Coimbra	Mont. Linhas II	Ref. invalidez
238 597	Fernando Conceição Couceiro	DODC-DCCBR-Mealhada	Fiel Armazém I	Ref. invalidez
216 720	Guilherme Santos Marques	DODC-DCVIS-M. Beira	Chefe Dep. OA	Cooperação Externa
181 129	Hermínio Ferreira	DODC-DCCBR-Coimbra	Motorista	Ref. invalidez
177 695	Jerónimo Silva Simões	DODC-DCCBR-Coimbra	Chefe Dep. 3E	Ref. invalidez
270 652	Joaquim Ribeiro	DODC-DCVIS-Viseu	Chefe Dep. 3C	Ref. invalidez
178 420	Joaquim Santos	DODC-DCCBR-Coimbra	Caixa I	Ref. invalidez
040 150	José Augusto Bogas	DODC-DCGRD-Sabugal	Elect. Redes BT II	Ref. invalidez
185 183	José Augusto Ribeiro	DODC-DCCBR-F. Foz	Chefe Dep. OA	Ref. invalidez
179 329	José Gomes Artur	DODC-DCCBR-Coimbra	Soldador I	Ref. invalidez
271 012	José Lino Lopes	DODC-DCVIS-Viseu	Escrit. Comercial I	Ref. invalidez
186 147	José Marques Figueiredo	DODC-DCCBR-F. Foz	Trab. Ind. C. Linhas	Ref. invalidez
054 720	José Oliveira Costa	DODC-DCEX-Anadia	Op. Quadro I	Ref. velhice
236 322	José Rodrigues Neves	DODC-DCCBR-Soure	Elect. Redes BT I	Ref. invalidez
179 264	Luis Santos	DODC-DCCBR-Coimbra	Elect. Corte e Cob.	Ref. invalidez
185 051	Manuel Cardoso Alves	DODC-DCCBR-F. Foz	Motorista	Ref. invalidez
180 521	Manuel Joaquim Cardoso	DODC-DCCBR-F. Foz	Guarda I	Ref. invalidez
178 454	Manuel Silva David	DODC-DCCBR-Coimbra	Leitor-Cobrador	Ref. invalidez
185 094	Manuel Silva Oliveira	DODC-DCCBR-F. Foz	Elect. Redes BT II	Ref. invalidez
178 268	Maria Celeste Silva	DODC-DCCBR-Coimbra	Esc. Pessoal I	Ref. invalidez
134 821	Maria José Brás	DODC-DCCBR-Id. Nova	Trab. Limpezas	Ref. velhice
178 160	Mário Ferraz	DODC-DCCBR-Coimbra	Chefe Dep. 3D	Ref. invalidez
178 489	Mário Ferreira Lourenço	DODC-DCCBR-Coimbra	Leitor-Cobrador	Ref. invalidez
179 043	Ramiro Viseu Ferreira	DODC-DCCBR-Coimbra	Elect. Corte e Cob.	Ref. invalidez
109 126	Valentim Martins	DODC-DCVIS-S.P. Sul	Elect. Redes BT I	Ref. velhice
229 458	António Anastácio Santana	DODT-DTVTJ-Loures	Escriturário II	Falecimento
063 460	António Costa Maroco	DODT-DTGAS-Lisboa	Chefe Dep. 3C	Ref. invalidez
276 227	António Costa Marques	DODT-DTSTR-Santarém	Trab. Indiferenciado	Ref. invalidez
057 339	Filipe Almeida Silva	DODT-DTEA-Lisboa	Chefe Dep. 3D	Ref. invalidez
030 708	Henrique Carrasco Moita	DODT-DTEA-Amadora	Fiel Armazém I	Ref. invalidez
038 997	João Remédios Belona	DODT-DTEA-Estremoz	Op. Quadro I	Ref. antecipada
145 289	José Andrade Santos	DODT-DTSLB-Lisboa	Escrit. Comercial I	Ref. invalidez
098 361	Leonel Farinha Dias	DODT-DTOET-Amadora	Escrit. Pessoal II	Falecimento
201 863	Virgínio Santos Agostinho	DODT-DTEA-Lisboa	Elect. Protecções	Ref. velhice
066 060	Alcides Crespo Murtinheira	DODS-DSEA-Lisboa	Téc. Stocks	Ref. velhice
281 832	António Correia Sustelo	DODS-DSALG-Silves	Elect. Redes BT II	Despedimento
169 854	Arnaldo Almeida Santos	DODS-DSALG-Olhão	Elect. Redes BT II	Demissão
197 610	Joaquim Bento Pereira	DODS-DSSTB-Setúbal	Aux. Armazém	Ref. velhice
172 960	Joaquim Jacinto Cardoso	DODS-DSERV-Estremoz	Ped. Canteiro	Ref. invalidez
198 099	José Milharadas Chanoca	DODS-DSSTB-Grândola	Leitor-Cobrador	Ref. antecipada
092 010	Maria Conceição Custódio	DODS-DSEA-Lisboa	Arquivista I	Ref. velhice

SERVIR O PÚBLICO NOSSA ÚLTIMA FINALIDADE E NOSSO PRIMEIRO OBJECTIVO

Tudo evolui e, naturalmente, as empresas estão sujeitas a essa lei imutável dos organismos vivos. Neste contexto, um dos reflexos mais intensos duma evolução emerge dos órgãos de comunicação interna das empresas, porque eles são ou devem ser o espelho das comunidades em que se inserem.

Chegou, portanto, por força dessa evolução, a hora de actualizar o «Rede Eléctrica» que, durante um período aproximado de oito anos, quase sempre como jornal, cumpriu a frequência estabelecida para o seu aparecimento e os propósitos para que foi criado.

Assim, num primeiro passo, o Jornal mensal toma novo rosto e transforma-se numa Revista bimestral, tornando a publicação mais atractiva para os leitores e mais estimulante para os seus colaboradores que, como se sabe, são, prioritariamente, os responsáveis pela concretização das atribuições da Empresa:

Mas é designadamente o conteúdo da publicação que tem de reflectir a viragem que está em curso na vida da EDP.

Até agora, o jornal «Rede Eléctrica» procurou contribuir para a consolidação do sector eléctrico nacional, para a construção duma estrutura empresarial coerente e para a tarefa da recuperação do atraso do País nas suas infra-estruturas eléctricas, nomeadamente no que se refere à cobertura do território do continente português.

A partir deste momento, correspondendo ao desafio que as circunstâncias impõem, o nosso órgão de comunicação interna vai concentrar a sua atenção em matérias que versem a modernização dos métodos e instrumentos da gestão, nos temas que, directa ou indirectamente, conduzam à melhoria da planificação e ao controlo do investimento e no acompanhamento da implementação dos sis-

temas que visam a optimização dos recursos humanos e materiais que se dispõem.

Como veículo de comunicação, e com o novo título, a «Revista EDP» pretende contribuir para que na Empresa se alcancem níveis acrescidos de eficácia e de responsabilização. Por conseguinte, divulgaremos, com oportunidade, linhas de orientação que irão presidir à coordenação e ao controlo de aspectos funcionais essenciais da EDP.

Daremos, igualmente, conhecimento da prática e da experiência que irão resultar da aplicação dessas linhas de orientação. Deste modo, ficarão os leitores habilitados a acompanhar e a participar conscientemente na implementação do modelo descentralizado de operacionalidade, cujo correcto funcionamento constitui uma das notas principais do nosso horizonte.

A par desta filosofia empresarial, que estará sempre presente, vamos tocar em outros problemas da actualidade, de forma a integrar a empresa nas esferas culturais do nosso país e, nessa mesma linha, queremos impulsionar caminhos de progresso e de bem-estar.

A personalização de aspectos vividos pelos que prestam ou prestaram a sua actividade no quadro da nossa organização preencherá, como merece, os espaços que lhes estão reservados e serão sempre objecto do maior interesse.

É igualmente nossa preocupação estarmos atentos aos factos e às situações, gerados no seio da Empresa ou no mundo da electricidade, de forma a difundi-los como notícia.

Suscitar curiosidade, interesse e empenhamento aos que se dedicam à realização desta obra sem fim — que é servir o público com um bem essencial, a electricidade —, é a nossa última finalidade e o nosso primeiro objectivo.

CONSUMOS CRESCEM EM 1987 MAIS DO QUE O PREVISTO

O consumo de energia eléctrica cresceu, ao longo do passado ano, 4,5%. Esta taxa (que, em termos práticos, se traduz em incrementos, referidos à produção, de 5,5% ou 7,6%, se se tiver em conta, respectivamente, a temperatura e número de dias úteis ou os efeitos da interrupção de fornecimento a dois grandes consumidores industriais) é uma das mais elevadas da Comunidade Económica Europeia.

Entre todos os indicadores estatísticos da actividade da nossa Empresa, a taxa de crescimento verificada em 1987 assume particular relevo, quer em termos da EDP quer em termos da comunidade que servimos.

Em termos internos, este indicador — sobretudo se tivermos em conta que as previsões iniciais apontavam para um crescimento de apenas 3,2% — tem necessariamente reflexos no planeamento de novas instalações, de produção, transporte e distribuição, e reflexos, também, na área económico-financeira, já que igualmente cresceram os valores facturados, ademais num quadro de simultâneo crescimento da taxa de cobrança.

Em termos externos, e mesmo tendo em conta que muito há ainda a fazer no capítulo de uma melhor utilização da energia, a taxa de crescimento verificada traduz, indubitavelmente, uma retoma da vida económica, aliás uma realidade que indicadores de outros sectores confirmam.

IMPORTAÇÃO SUBSTITUIU QUEIMA DE FUEL

A produtividade garantida do sistema electroprodutor da EDP seria suficiente para responder a todas as (acrescidas) solicitações do consumo. A opção de resposta foi, porém, a de um maior recurso à importação de electricidade, aproveitando o protocolo tripartido assinado com as nossas congéneres Electricité de France e Rede Eléctrica de España, SA. Esta opção permitiu reduzir a queima de fuelóleo nas centrais térmicas, tornando assim mais barato para o país o custo de produção do kilowatt/hora.

De facto, e como se pode ver no quadro anexo, o saldo importador de electricidade foi 60% superior ao do ano anterior, enquanto a

produção de origem térmica decresceu 8 por cento. A produção hidroeléctrica, por seu turno, cresceu 7,6 por cento.

Um estudo do diagrama de consumos permite apurar que se registou uma redução da produção térmica durante o período hidrologicamente menos desfavorável, de Fevereiro a Abril, enquanto de Maio a Setembro, com a redução da produção hidráulica, a opção foi pelo aumento da importação de electricidade. A partir de Outubro, e em resultado dos elevados índices de precipitação então verificados (com resultados positivos no nível de armazenamento das albufeiras mas ainda insuficientes para se conseguir um ano hidrologicamente médio), a produção hidráulica voltou a assumir um papel importante, permitindo, designadamente, reduzir também o consumo de carvão

nacional na central da Tapada do Outeiro.

FRIO E FUTEBOL

Foi no dia 14 de Janeiro que o país atingiu a ponta de consumo, com 4172 MW, máximo registado até essa altura, ou seja, um acréscimo de 13 por cento em relação ao ano anterior.

O frio intenso que se fazia sentir é uma das explicações para o elevado consumo desse dia, durante o qual o mercúrio nos termómetros se manteve entre os 10 graus negativos e os cinco positivos. Mas os 4172 MW podem ter mais uma leitura.

É que na noite de 14 de Janeiro foram poucos os que arredaram pé dos televisores. Com caloríferos ligados, uns milhões de portugueses seguiram o jogo de futebol que a RTP transmitiu do Estádio da Luz, entre o Benfica e o Anderlecht (e que a turma lisboeta venceu por 2-1).

Ao contrário do que é normal acontecer, o «inferno da luz» foi, naquela noite, vivido em casa.

	1986	1987	Variação %
Produção Total	GWh 18 694	18 470	- 1,2
Produção hidráulica	GWh 8 422	9 062	+ 7,6
Centrais Rede PTI	GWh 7 600	8 131	+ 7,0
Fios de Água	GWh 4 962	5 821	+17,3
Albufeiras	GWh 2 638	2 310	-12,5
Centrais Redes Distribuição	GWh 822	931	+13,3
Produção térmica	GWh 10 272	9 408	- 8,4
Trocas com o Estrangeiro (Saldo)	GWh 1 885	3 024	+60,4
Importação:			
(Movimento físico)	GWh 2 874	3 700	+28,7
(Corrigida de trânsitos)	GWh 1 950	3 060	+57,0
Exportação:			
(Movimento físico)	GWh 989	675	-31,7
(Corrigida de trânsitos)	GWh 65	36	-44,3
Recepção de autoprodutores	GWh 35	46	+33,6
Bombagem hidroeléctrica	GWh 40	45	+14,4
Consumo Total (Referido à produção)	GWh 20 574	21 495	+ 4,5
Ponta anual (4.ª feiras)	MW 3 692	4 172	+13,0
Potência instalada (31 Dez.)	MW 5 782	6 156	+ 6,5
Hidráulica	2 883	2 957	+ 2,6
Térmica	2 899	3 199	+10,3
Armazenamento nas albufeiras (31 Dez.)	GWh 934	1 460	+56,3
% do valor máximo	40	63	
Coef. Produtibil. Hidroeléctrica			
Ano Civil	0,76	0,89	
Ano Hidrológ. (Nov. 86-Out. 87)	0,81	0,74	
Consumo de Combustíveis			
Carvão nacional	kt 316	203	-35,7
Carvão estrangeiro	kt 942	1 598	+69,7
Fuelóleo	kt 1 673	1 050	-37,2
Gasóleo	10 ³ kl 2	0	-88,9

EVOLUÇÃO DA EDP GARANTIRÁ UM SERVIÇO DE QUALIDADE

Em entrevista concedida à nossa revista, o Presidente do Conselho de Gerência da EDP, Eng. Raul Bessa, aborda algumas das questões mais pertinentes do presente e futuro da EDP.

A propósito do ritmo de gestão do Conselho de Gerência, diz não se tratar de uma mudança, mas de uma evolução que aponta para características mais empresariais sem, todavia, olvidar a componente serviço público. Mas, outros temas são também abordados: desde a legislação que autoriza a autoprodução e a produção independente de energia eléctrica, passando pelas dívidas à Empresa, e a futura gestão de pessoal.

Rede Eléctrica — Nos últimos onze anos as tomadas de posição pública da Empresa sublinharam sempre a característica de serviço público que está cometido à EDP. Mais recentemente, porém, passou a fazer-se notar que a EDP se deve reger pelas regras de gestão empresarial, ainda que com as limitações decorrentes do serviço público que presta. Esta diferente formulação, ou, pelo menos, diferente ênfase na formulação das tarefas da empresa, configura uma diferente filosofia de gestão?

Eng. Raul Bessa — É um facto que ultimamente se tem pretendido imprimir à gestão da EDP uma característica mais empresarial ainda que sem esquecer a sua componente de serviço público.

Não se trata de uma mudança mas de uma evolução.

Inicialmente, e durante os primeiros 10 anos de existência da EDP, houve que realizar a maior fusão do País (14 empresas e quase duas centenas de autarquias) e houve que a realizar sem perturbações na qualidade e na continuidade de serviço.

Houve que preparar e executar o ambicioso plano de electrificação do território que foi cometido à EDP e, simultaneamente, houve que corresponder às solicitações de crescimento do consumo construindo e equipando aproveitamentos hidro e termoeléctricos e montando linhas e redes de transporte e de distribuição.

Foi uma fase em que, embora não tenham deixado de existir preocupações económico-financeiras de gestão, a componente técnica foi mais forte.

Chegou agora a altura de dotar



a EDP com a solidez económica e a capacidade financeira que lhe permitam continuar a evoluir, garantindo a todos os portugueses, no futuro próximo, um serviço de qualidade.

R.E. — Que objectivos visam ser alcançados com a recente reestruturação orgânica da Empresa e em que medida é que esta afecta a descentralização até à data implantada?

R.B. — A reestruturação orgânica da EDP, com especial incidência na Estrutura Central, não põe em causa a descentralização que se pretende manter em funcionamento na Empresa.

Apenas se pretende, com uma maior hierarquização funcional, que os mecanismos de controlo de gestão possam ser eficazmente implantados a fim de que essa descentralização não só exista como seja convenientemente responsabilizada.

R.E. — Há quem pense que o activo papel informativo desenvolvido pela EDP, no caso dos SMGE, contribuiu para desgastar a imagem da Empresa junto do público. Qual a posição do Presidente do Conselho de Gerência sobre este assunto?

R.B. — O papel informativo da EDP na comunicação social a propósito do chamado conflito com a Câmara Municipal do Porto — tem sido apreciado por muita gente pela sua objectividade e correcção.

É essa a obrigação da EDP que deve informar convenientemente todo o público consumidor.

Desgaste de imagem poderia ter havido se a EDP tivesse adoptado as mesmas atitudes que caracterizaram intervenções de responsáveis da actual e de anteriores Câmaras do Porto.

R.E. — Ainda no âmbito deste caso o Conselho de Gerência tornou pública uma posição na qual admite uma preocupante situação financeira na Empresa. O que se passa, de facto?

ENDIVIDAMENTO ULTRAPASSA OS 900 MILHÕES DE CONTOS

R.B. — De facto a situação financeira da Empresa é preocupante na medida em que tem de substituir por empréstimos bancários, com os respectivos encargos financeiros, os créditos que a EDP tem sobre autarquias e

consumidores industriais e ainda os que resultam da correcção da hidraulicidade que nos últimos anos tem sido significativamente inferior à média e que no conjunto atingem cerca de 300 milhões de contos.

Esta inusitada situação é responsável pelo elevado endividamento da EDP, que hoje ultrapassa os 900 milhões de contos.

Neste momento, às medidas de austeridade internas que foram implementadas na gestão da EDP correspondem medidas muito positivas oficialmente assumidas de moralização, que têm permitido suspender o fornecimento a consumidores industriais que não paguem.

O problema respeitante às dívidas das autarquias está a ser estudado e há razões para crer que, em breve, se encontrará uma solução.

R.E. — Membros do Conselho de Gerência e do Governo referiram, ultimamente, que a energia eléctrica poderia ser cerca de 20% mais barata, se a EDP não tivesse que suportar elevados encargos financeiros, derivados, essencialmente, das dívidas de clientes. Poderá vir a acontecer que, uma vez liquidadas as dívidas, o preço da electricidade baixe?

R.B. — Os estudos elaborados permitiram concluir que, se as dívidas não tivessem existido, a energia eléctrica poderia ter sido 20% mais baixa.

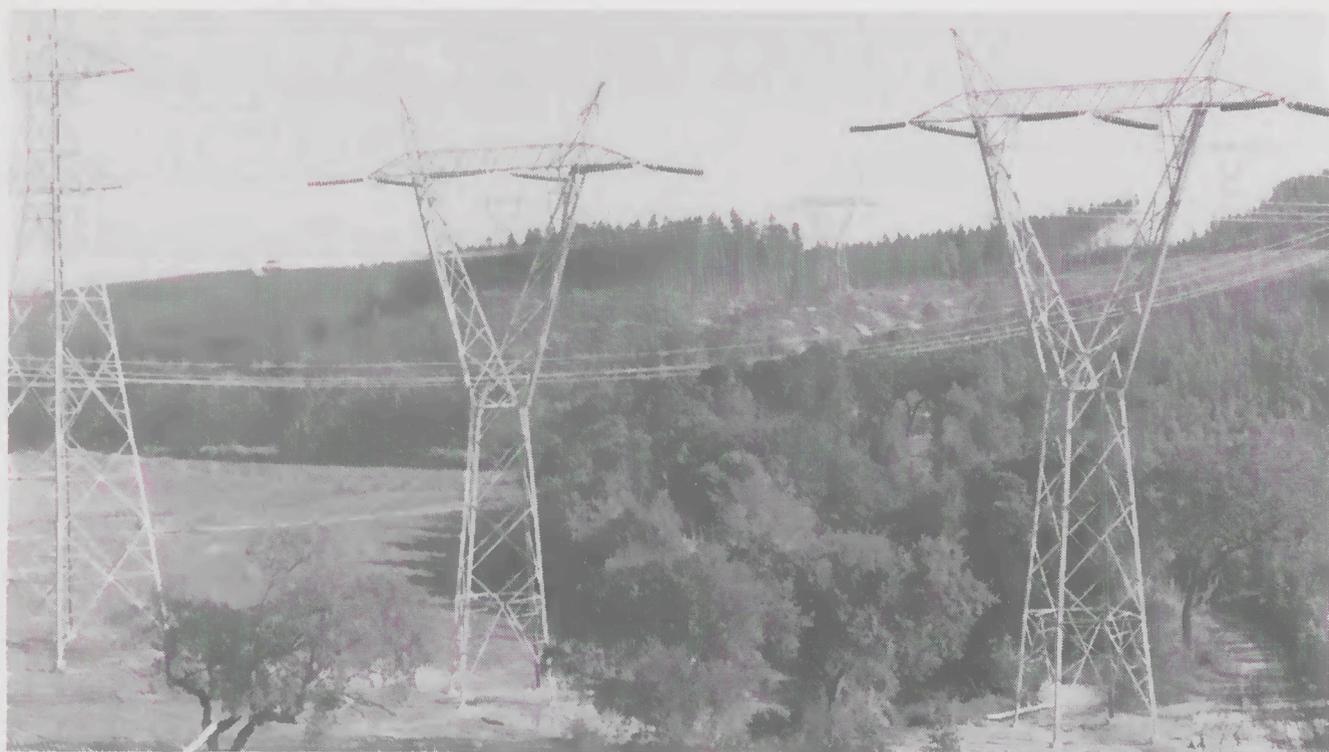
Como elas existem, e a sua liquidação só se poderá fazer a prazo, o que se pode esperar é que, no futuro, os aumentos possam vir a ser menores.

R.E. — A Assembleia da República autorizou o Governo a legislar com «o objectivo de possibilitar que a produção de energia eléctrica possa ser exercida por pessoas singulares ou colectivas, públicas ou privadas». Que comentário pode o Conselho de Gerência da EDP fazer a esta decisão da Assembleia da República?

O FIM DO MONOPÓLIO NÃO É NENHUM ATENTADO CONTRA A EDP

R.B. — A legislação apontará para autorizar a autoprodução sem limites de potência e a produção independente.





A autoprodução já existe e a EDP compra os excedentes, quando existem.

A produção independente será limitada à potência máxima de 10 MW; a EDP, pouco vocacionada para este tipo de mini-proveitamentos, limitar-se-á a comprar a respectiva energia.

Em qualquer dos casos a EDP receberá energia produzida em instalações com as quais não teve de fazer gastos de investimento, o que equivale a aliviar as suas necessidades financeiras.

Pelas razões apontadas, o «fim do monopólio da EDP» que, de certo modo, já vem do passado, não é nenhum atentado contra a EDP; pelo contrário, a EDP encontra tantas vantagens no desenvolvimento de iniciativas que a nova legislação incentiva, que está a preparar-se para dar apoio técnico neste campo a quem lho pedir.

R.E. — A entrada em vigor do Acto Único Europeu tem dado lugar aos mais variados debates nos diferentes sectores de actividade, com a quase exclusão do nosso. Quais os reflexos desse processo na nossa Empresa?

R.B. — O sector eléctrico não foge à regra e muitos debates se têm realizado e continuam a realizar relacionados com o Acto

Único Europeu sem que, de momento, se possa vislumbrar muito mais de que a «Europa da Electricidade» que já existe e na qual as interligações têm desempenhado um papel importante nas trocas de energia entre os diferentes países da Europa.

R.E. — Parece ir concretizar-se a instalação de uma rede de gasoduto ligada à rede europeia. Porém, há quem defenda outras alternativas, nomeadamente a exploração do complexo de Sines. Que comentários se lhe sugerem e que relacionamento poderá haver com o sector gás da Empresa?

R.B. — Não deixa de se estudar a possibilidade de queimar gás natural nas nossas Centrais a fuel (Carregado e Setúbal).

Este assunto, que nada tem que ver com o sector gás da EDP, apenas permitirá estudar qual das duas soluções será a mais económica: queimar o gás natural nas Centrais ou em casa dos consumidores.

R.E. — Uma das mais frequentes críticas dos consumidores de electricidade prende-se com o pagamento do Fundo de Apoio Térmico (FAT) que figura nas facturas. Que razões levaram à sua criação e manutenção?

FAT: ADICIONAL DESAPARECERÁ QUANDO RESTABELECIDO O EQUILÍBRIO

R.B. — O Fundo de Apoio Térmico (FAT) foi criado há cerca de 25 anos.

O seu objectivo é permitir que as tarifas sejam calculadas para anos de hidraulicidade média e que haja transferência de meios dos anos húmidos para os anos secos.

Uma série recente de anos secos originou um elevado défice do FAT que teve de ser compensado através da utilização temporária de um adicional à tarifa, de resto previsto na lei.

Logo que restabelecido o equilíbrio, o referido adicional desaparecerá das facturas.

R.E. — As orientações governamentais no sentido de se efectuarem cortes de investimento no Sector Empresarial do Estado poderão vir a afectar, ou não, a construção da Central Térmica de Abrantes?

R.B. — A construção da Central Térmica de Abrantes sofre, por causa da retração no investimento, um deslizamento de cerca de 1 ano que será, em grande parte, compensado pelo recurso a energia importada de França e de Espanha.



R.E. — Sendo a EDP uma empresa pública tutelada pelo Ministério da Indústria e Energia qual o seu grau de autonomia em relação à tutela?

R.B. — A autonomia administrativa, financeira e patrimonial de que a EDP é dotada permite-lhe assegurar a gestão corrente da Empresa sem recurso permanente à tutela.

Esta, no entanto, mantém uma posição orientadora e controladora das acções mais importantes, sendo-lhe submetidos não só os planos de investimento com as respectivas justificações como também o relatório e as contas relativos a cada exercício.

Da tutela se recebem também orientações sobre política energética e financeira, incluindo a sua componente cambial, pois que iniciativas desta natureza necessitam de ser permanentemente analisadas.

INTEGRAÇÕES: CUMPRIMENTO DA LEI E POSTERIOR TENTATIVA DE CONTER AS DÍVIDAS

R.E. — Quando a EDP foi constituída, em 1976, apenas detinha a distribuição de energia

eléctrica, em baixa tensão, em cem dos duzentos e setenta e cinco concelhos do Continente. Em Janeiro, deste ano, apenas não exercia esta actividade em cinco concelhos, entre os quais o do Porto. Qual o balanço de todo o processo de transferências dos serviços municipalizados de distribuição de energia para a EDP?

R.B. — O Porto e alguns concelhos limítrofes adoptaram durante anos uma atitude que, além de ser ilegal, contrariava os esforços que se vinham fazendo para economizar energia e se apresentava como uma injustiça nacional ao fazer recair sobre os consumidores do resto do País maiores encargos tarifários.

Só recentemente se verificaram condições para pôr cobro a essa injustiça e, neste momento, estão estabelecidas as bases para uma recuperação tarifária em 5 anos nos Concelhos com tarifas degradadas.

As transferências de Serviços Camarários para a EDP, efectuadas ao longo de mais de 10 anos, tiveram como razões principais:

— nos primeiros seis anos de vida da Empresa, o cum-

primento da lei então em vigor;

— posteriormente, numa tentativa de conter a dívida para com a EDP, a transferência para a EDP de Serviços Camarários ainda não integrados e que pareciam tender para atitudes de não pagamento das suas facturas de electricidade, seguindo o mau exemplo que viam frutificar no Porto e em alguns concelhos limítrofes.

PESSOAL: FAZER A EVOLUÇÃO SEM SOBRESSALTOS

R.E. — Por motivos inerentes à sua própria constituição a EDP herdou um quadro de pessoal relativamente envelhecido. Este facto tem conduzido, nos últimos anos, a elevado número de reformas. Porém, muitos trabalhadores, em condições de reforma, não a solicitam dada a inexistência de fundos compensatórios. Como encara o Conselho de Gerência esta situação?

R.B. — Os complementos de pensões podem ser garantidos pelas contas de exploração ou, com maior segurança, pelos chamados fundos de pensões.

A EDP que, de momento, leva à sua conta de exploração os encargos com as pensões, tem já em estudo a possibilidade de vir a criar, no futuro, as necessárias reservas.

Só o poderá fazer, no entanto, de forma completa, depois de consolidada a recuperação económico-financeira de que necessita e que está em vias de concretizar-se.

R.E. — Que política de pessoal, em termos de futuro?

R.B. — A gestão de pessoal, no futuro, terá como principais vectores o aumento da produtividade em sentido lato e a utilização de meios modernos de trabalho que permitam manter os quadros de pessoal dentro de limites comparáveis com os de actividades semelhantes em países mais avançados.

Uma política racional de reformas, de reconversões e de incentivos à transferência permitirá fazer essa evolução sem sobressaltos.

ENERGIA ELÉCTRICA ALIMENTA 1200 POSTOS DA TELESCOLA

Foi uma mudança tão radical no quotidiano do João Rebola que ele jamais se esquecerá do dia em que a ténue pressão do indicador no interruptor lá de casa, em Vilar de Servos (Arouca, distrito de Aveiro), fez com que a vida tivesse ganho outra dimensão. Finalmente, em Vilar de Servos, a noite deixava de ter, em todas as casas, hora marcada.

Naquele preciso momento, a criança disse, definitivamente, adeus ao suplício das idas à loja do Tio Zé com a lata do petróleo para os candeeiros sempre a exigirem um especial cuidado. Todos, ainda, se lembravam da Ti Marjula, que ficara sem casa enquanto o Diabo esfrega um olho.

Em vez da luz tímida e pestilenta do pavio, era agora o clarão ousado e inodoro da pequena lâmpada no meio do tecto, bem lá no alto a provocar a atenção de todos.

Aquilo para o pequeno João Rebola que tinha acabado a quarta classe na escola de Vilar de Servos, ultrapassava tudo o que a professora — a Dona São — lhe dissera a propósito da electricidade, e naquele instante começou a aguardar com ansiedade o início das aulas.

Ao contrário do que sucedera com os seus amigos Tiago e Miguel, ele já não ouvia o barulho do motor do gerador da escola, lá longe, durante a emissão do ciclo preparatório da Telescola, mas sim as vozes expressivas das professoras de Letras e de Ciências, duas das três mil monitoras que, com o curso complementar do ensino secundário, são o elo de ligação entre o docente e os alunos dos 1200 postos de recepção no Continente, Madeira e Açores.

Mais de 53 mil alunos

Em Vilar de Servos o João Rebola foi uma das 60 crianças que frequentaram em 86/87 o ciclo preparatório da Telescola, instituição dependente do Instituto de Tecnologia Educativa (ITE).

No ano em que chegou a electricidade a Vilar de Servos, como a muitas outras povoações, serviam-se da Telescola 52 753 alunos dos postos oficiais e 1 193 do ensino particular. No primeiro dia de aulas a professora de Letras — Dona Graça

— explicou como tudo iria passar-se nos dois anos seguintes:

«As lições de cada disciplina que os meninos vão ver no televisor são emitidas diariamente do estúdio próprio em Vila Nova de Gaia e transmitidas para o Continente através da RTP. Cada disciplina reúne uma equipa de 4 a 6 professores. No total são 43 professores, encarregados de produzir e apresentar lições emitidas pela TV durante cada ano lectivo»

— acrescentou a professora num tom de voz amigável.

A professora Graça explicou depois que o ciclo preparatório da Telescola, criado em 1968, possibilita o cumprimento da escolaridade obrigatória de seis anos às camadas populacionais em zonas rurais mais isoladas e ainda às crianças em áreas urbanas onde a densidade populacional é tão elevada que as escolas do ensino preparatório directo não têm capacidade para a sua absorção.

Todos já sabiam que as aulas eram de tarde que os 20 a 45 minutos posteriores à emissão eram repetidos e desenvolvidos pelo professor monitor com o apoio das folhas de trabalho, onde todos escreveriam o que na verdade assimilaram na explicação.

O que eles ignoravam era os objetivos gerais do nível de ensino da Telescola e foi isto mesmo que a professora Graça explicou ao João Rebola e restantes alunos:

«As lições do CPTV, sistema educacional único na Europa, visam tornar a escola mais um agente de transformação do que um meio de transmissão de conhecimentos, isto é todos os meninos vão ter a oportunidade de aproveitar estes dois anos do ciclo preparatório para, enquanto enriquecem os seus conhecimentos, conhecerem melhor as vossas habilidades no manuseamento de diversos materiais que, por certo, mais tarde vão fazer parte do vosso dia-a-dia no exercício de uma profissão.»

E João Rebola pensou, de imediato, no avô Manel, sempre disponível ao revelar-lhe como se deve agarrar no serrote, na plaina no contacto com a madeira, incentivando o João para que seguisse a profissão que ele já tinha escolhido: carpinteiro.



CONSUMIDORES DE LISBOA CONTAM-NOS OS SEUS «PROBLEMAS»

A Assistência à Clientela é um sector «quente» do CD Lisboa da Direcção de Distribuição Tejo. É aí que o consumidor da região da capital vai, entre outras coisas, fazer as suas reclamações, sendo decisiva a forma como o seu problema é resolvido, não só para a «viragem» no seu estado de espírito como, também, para a imagem com que fica da Empresa.

Um destes dias fomos à Rua Camilo Castelo Branco e antecipámo-nos. Enquanto aguardavam a sua vez de serem atendidos, perguntámos a doze consumidores: «O que veio cá fazer? Qual a principal queixa que tem a apresentar contra a EDP?»

De seis, ficam aqui as respostas. Dos outros seis quatro disseram não ter qualquer reclamação, um não quis ser entrevistado e outro afirmou que «a electricidade está cara» mas não se deixou fotografar.

Depois, abordámos o Sr. Biléu de Sousa, responsável por aquele departamento, que nos forneceu os dados que estiveram na base das indicações que colocamos em relação a cada uma das questões levantadas pelos consumidores.

Luís Ferreira de Almeida — Cabo da Armada, na Reserva

— *Vim reclamar porque, no aviso deste mês, me vem debitado um consumo muito superior ao que eu fiz na realidade. Deve haver engano na contagem. Aliás, na zona onde moro, as pessoas queixam-se deste problema com regularidade.*

Se, ao contrário do que pensa, este consumidor não estiver na razão, a anomalia de que se queixa pode ser (é-o, em muitos casos) devida a um consumo superior ao normal — típico dos meses de Inverno — de



que ele não se apercebeu. É vulgar cair-se no erro de se subestimar a capacidade que os electrodomésticos destinados a condicionar a temperatura ambiente têm para «devorar» kWh...

Através do terminal que o Assistente de Clientela tem à sua frente é possível, de imediato, fazer uma análise dos consumos e demonstrar-lhe, se for caso disso, que já em períodos idênticos de anos transactos a sua factura registou um considerável aumento.

José Costa — Comerciante

— *A razão porque aqui estou é que durante o ano passado paguei sempre uma quantia que era resultado de uma média de consumos achada pela empresa. Agora, apresentam-me um acerto em que eu tenho a certeza de que há engano na conta em...*

Ouvimos este consumidor, depois de ser atendido:

— *Eu tinha razão. Estava realmente a ser debitado em demasia. Ficou assente que me vão reembolsar do excesso.*

Um problema resolvido a contento. Pequenos acertos são vulgares quando a cobrança é feita com base em médias de consumo e acontecem tanto a favor do cliente como da EDP, é claro. Existe, inclusive, um fundo de maneo de trezentos contos, que permite a devolução imediata do dinheiro, quando o cliente faz questão disso. Grandes quantias em desfavor do consumidor (superiores a cem mil escudos) são tratadas à parte deste fundo de maneo.



Elvira Vaz Pinto. — Doméstica

— *Venho reclamar porque há uma casa que há seis meses que não está habitada e agora o senhorio recebeu um aviso para pagar a electricidade...*

A responsabilidade do consumidor face à EDP só cessa quando for possível à nossa empresa ter acesso ao contador e fazer a última contagem (no caso de ser pedida desligação).

Pode dar-se o caso de, não se tendo, quando do abandono da casa, rescindido o contrato de fornecimento (ou clarificado que a casa ia ficar desocupada), se continuarem a debitar as respectivas



taxas de potência (ou, mesmo, a quantia correspondente à média de consumos)...

Manuel António Simões — Empregado bancário

— *A única reclamação que tenho a fazer é a de que há determinados dias em que há aqui muita gente; e a espera torna-se exasperante porque o serviço de atendimento não consegue dar vazão...*

É, sem dúvida, o caso dos «fins-de-mês» — em que a afluência de consumidores é sempre maior — e de determinadas horas do dia. Este problema poderá ser solucionado criando postos de assistência à clientela em localidades como Oeiras, Algés, Benfica e Olivais, a exemplo do que já acontece em relação a Amadora, Queluz e Sintra. «O facto de haver muita gente para ser atendida é indicativo de que há pouca gente a atender... E não se compreende que, por exemplo, na linha do Estoril, só haja um posto de Assistência em Cascais...» — declarou-nos Biléu de Sousa. E o que mais exaspera muitos dos consumidores que vêm à Camilo



Castelo Branco é a circunstância de perderem perto de duas horas em deslocações. Somando o tempo que, em dias de grande afluência, aguardam para ser atendidos, o resultado é, não raras vezes, um mau humor contagioso que só dificulta as relações...

José Filipe Lopes
— Reformado

— *Vim dar a contagem do meu consumo de electricidade. Não tenho nada a reclamar e a única razão para reclamação que um dia posso vir a ter é o Governo acabar com a EDP...*

Dar a contagem do consumo de

electricidade é uma prática onde se gasta um tempo mínimo (podendo até ser dada pelo telefone) e evita muitos transtornos.

Os reformados são «clientes certos» da Assistência à Clientela. Alguns vão ali claramente à procura de alguém com quem conversar, inventando por vezes os problemas mais absurdos para o conseguirem por cinco ou dez minutos...

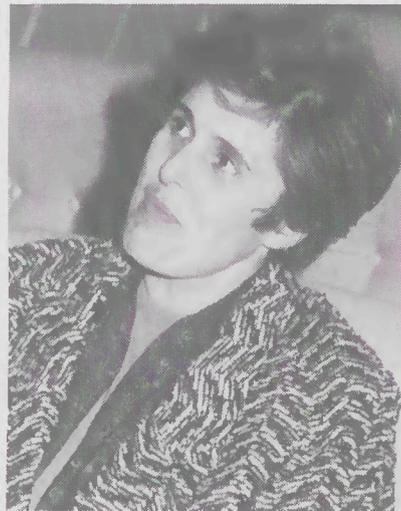
Os nossos colegas acabam, assim, por fazer, também, «assistência social»! «É um caso humano; não se



podem despachar as pessoas! A mim, pessoalmente, assusta-me imenso a solidão...» — disse-nos Biléu de Sousa.

Elizabeth Maurício
— Funcionária Pública

— *Não, nunca tive reclamações importantes. E os pequenos problemas que tenho tido têm sido sempre resolvidos com a maior das facilidades!*



Para terminar, não podia ser melhor!

E, de facto, a ideia que está no espírito do Sr. Biléu de Sousa e dos seus colaboradores é a de que «esta é uma empresa pública que, ainda por cima, é de serviço público, e o que conta é ter isso em mente e dizer que sim ou que não, mas sempre com um sorriso».

RECEBER E ESCLARECER 650 CLIENTES POR DIA

Desde o preço do kwh às questões ligadas com as taxas da RDP, passando por pedidos de informação sobre os mais diversos assuntos e as mais diversas zonas do nosso país, tudo «cai» em cima dos nossos colegas deste sector.

Por dia, são ali recebidas, em média, seiscentas e cinquenta pessoas (só nas catorze secretárias destinadas a reclamações, sem contar, portanto, com os telefones e os atendimentos para recepção de contagens), a maior parte das quais não vêm reclamar mas sim pedir informações ou apresentar problemas que não dizem respeito ao CD Lisboa.

Dadas as características do trabalho — que exige, a par de um temperamento muito especial e de um grande espírito de sacrifício, uma boa disposição permanente — o absentismo no departamento é

elevado (cerca de 22,5%, ou seja, entre os quarenta colegas que ali trabalham, há, em média, nove faltas por dia). Um horário duro demais para um trabalho que exige demasiado tem a grande fatia de responsabilidade neste facto...

Mas não só. Sente-se, disse-nos Biléu de Sousa, uma grande falta de acompanhamento e atenção para com este departamento — visível, por exemplo, na circunstância de haver uma demora de mais de um ano no preenchimento de vagas deixadas por colegas que foram para outros locais ou que se reformaram. A incompatibilidade do atendimento ao público com o horário flexível praticado em departamentos de que a Assistência à Clientela depende para dar bom seguimento aos problemas que lhe são postos pelos consumidores, levanta complicações

térríveis (agravadas, ainda, pelo facto de os consumidores se aperceberem da razão por que são obrigados a esperar...).

Assim, e mau grado melhoramentos que ali foram recentemente feitos e que alteraram, muito favoravelmente, as condições de espera e atendimento, outras medidas serão ainda necessárias, no sentido de melhorar a imagem da empresa, fornecendo mais comodidade aos consumidores. Os especialistas na matéria terão uma palavra a dizer, é claro. Mas, além do que aqui ficou dito (e de muitas outras coisas que o Sr. Biléu de Sousa nos apontou), parece-nos que uma boa solução terá sempre que passar pelo desdobramento deste serviço. Um milhão de potenciais clientes é, sem dúvida, um número muito grande para um só posto de atendimento...

GESTÃO DE STOCKS: A DIFÍCIL PROCURA DO EQUILÍBRIO

A crescente racionalização das despesas de exploração leva as empresas à constante procura da aplicação mais equilibrada de fundos. É nesta perspectiva que a área gestão de stocks é da maior importância, sendo os objectivos principais a redução ao mínimo dos investimentos afectos aos stocks garantindo, contudo, a satisfação das necessidades dos utilizadores, com níveis de rupturas dentro de parâmetros pré-estabelecidos.

Uma gestão eficiente deverá ter como condições prévias a existência de uma nomenclatura — entendida como uma linguagem comum entre os utilizadores dos materiais e os responsáveis pela sua gestão e aprovisionamento — bem como um conjunto de informações adequado para o efeito, isto é, uma informação que revele as principais grandezas em jogo e que esteja disponível em tempo útil; deverá ainda conter «aplicações» (processamentos informáticos) por forma a que a realização dos aprovisionamentos se processe com determinado automatismo,

permitindo assim que os assuntos correntes sejam resolvidos por mecanismos de resposta rápida e custos administrativos baixos (custos de efectivação das encomendas).

A título de exemplo indicam-se como principais grandezas em jogo os consumos históricos, as previsões de consumo, os stocks físicos, as cativações, as entregas por satisfazer (quantidades e datas prováveis de entrega) e a classificação dos artigos em diversas categorias por forma a permitir gestões diferenciadas. Poder-se-ão ainda mencionar como

condições adicionais para o fomento dessa gestão económica de stocks a normalização e redução de variedades — redução dos artigos a uma gama restrita que seja contudo suficiente para cobrir as necessidades da Empresa — bem como o Planeamento das encomendas/consumos.

Servir o utilizador

As entidades mais directamente envolvidas na área de gestão de stocks são os utilizadores (normalmente departamentos de equipamento e de exploração) e os departamentos responsáveis pela gestão e aprovisionamento de stocks.

É conveniente que as relações entre os utilizadores dos materiais e os responsáveis da sua gestão e o aprovisionamento se processe em determinadas bases preferenciais, nomeadamente:



- * garantir que os materiais que se vão aprovisionar são os que efectivamente servem os utilizadores;
- * que a informação existente esteja disponível quer para os utilizadores quer para os responsáveis pela gestão e aprovisionamento;
- * que entre uns e outros se obtenham consensos e objectivos tanto quanto possível comuns.

A questão mais delicada quanto às relações entre os utilizadores e os responsáveis da gestão e aprovisionamento é a referente às rupturas de stocks, isto é, à não disponibilidade de material quando o utilizador efectivamente dele necessita. Sendo a taxa de ruptura (quociente entre o número de requisições em que houve rupturas e o número total de requisições) um dos elementos importantes na gestão económica de stocks, é conveniente não só apurá-la de forma sistemática, bem como obter relatórios das rupturas por forma a se irem ajustando os métodos e processos de aprovisionamento. Sendo os atrasos de fornecimento um dos principais factores geradores de rupturas é conveniente utilizar mecanismos de acompanhamento de encomendas por forma a se poder controlar as datas prováveis de efectivação das entregas, permitindo assim — quando de atraso previsível — acções preventivas por forma a evitar rupturas ou a minorar o seu efeito.

Stock de segurança

Interessa ainda analisar o conceito stock de segurança, stock este que tem como principal objectivo o de servir de «amortecedor» às variações dos prazos de entrega e dos consumos, evitando assim determinadas rupturas decorrentes do não cumprimento de prazos de fornecimento e/ou de consumos superiores aos consumos previstos; note-se que um maior ou menor dimensionamento de stocks de segurança implica geralmente uma menor ou maior taxa de ruptura, maiores ou menores custos de posse e maior ou menor taxa de cobertura.

A função de protecção do stock de segurança deve ser económica, ou seja, sem que faça a empresa incorrer em encargos superiores àqueles que derivam dos prejuízos que pretende eliminar; pretende-se assim estar numa zona de equilíbrio entre um custo que a conservação de um stock maior representa e o benefício decorrente de um menor nível de ruptura.



Reportando-nos especificamente ao nível dos stocks de segurança poder-se-á afirmar que é possível introduzir economias significativas, caso exista informação que agregue os diversos armazéns, armazéns estes que basicamente contêm os mesmos tipos de artigos; nesta situação poderá deixar de existir um stock de segurança específico para cada armazém (ou existindo, poderá ser significativamente inferior), mas sim um stock de segurança comum aos vários armazéns, que contudo não necessita de estar fisicamente em armazém pré-determinado.

Ainda se poderá encarar um segundo nível de economia decorrente de ligações entre Direcções Operacionais. Este tipo de actuação implica transferências entre armazéns — quer dentro da própria DO quer entre DO's — sendo contudo necessário utilizar processos que rentabilizem os custos envolvidos (cargas, descargas e transportes); caso contrário haverá o perigo de se cair numa falsa economia, isto é, o custo envolvido nas transferências ser superior ao benefício resultante da diminuição do nível de stock.

IR NA RÁDIO ATÉ AO FUNDO!

José Augusto Maia Matos Alves, quarenta e três anos de idade, vinte e cinco de antiguidade (ex-União Eléctrica Portuguesa), pai de dois filhos, avô já neste mês de Maio (Parabéns!...). «Atacado» pelo «bichinho» da rádio há menos de dois anos, já nem sequer pensa em «curar-se»... E isto porque «é bom saber que se está a ser ouvido», e também é bom poder falar-se daquilo que se gosta...

A propósito, também gosta do seu trabalho (Desenhador na Direcção de Distribuição Norte). Trabalha no Porto.

Tudo aconteceu quando ligou, um dia, o seu aparelho de rádio, já passava da meia-noite. Começou a procurar uma estação e encontrou-a em 107.1 MHz: era a Rádio Clube Portuense.

No ar estava um concurso: passavam uma canção antiga e perguntavam quem estava a cantar. Ele (um especialista nas «melodias de sempre!»), estava farto de saber quem era. Mas, como não costuma ter sorte nestas coisas de concursos, nem sequer tentou pegar no telefone... Só que, vinte minutos passados, o locutor disse que ainda ninguém tinha telefonado. Aí decidiu-se: telefonou, acertou e, quando no dia seguinte foi buscar o disco que tinha ganho fizeram-lhe uma entrevista em directo. Não foi difícil descobrir que ele tinha discos de música antiga; e convidaram-no para fazer um programa, qualquer coisa do género «Relíquias do Passado».

Foi com um programa que tinha exactamente esse título que, com algum nervosismo à mistura, «foi para o ar» pela primeira vez, em Outubro de 1986. Em Dezembro, com o estabelecimento de uma nova «grelha», abandonou as «Relíquias do Passado» e evoluiu para o «Pôr do Sol» onde, embora passasse também melodias «velhinhas», começou a divulgar música portuguesa mais recente.

A paixão do mar

Há muitos anos que Matos Alves tem um enorme fascínio pelo mar. A prová-lo está o facto de, ainda hoje, nas suas férias anuais em Setúbal (de onde é natural), se dedicar à «caça submarina» (uma desculpa para andar lá por baixo a ver a fauna e a flora, de uma beleza indescritível e cada vez mais ameaçada: «O homem ainda há-de torcer as orelhas pelos crimes que anda a cometer em relação ao mar!»).

É assim que em Maio de 1987, com a entrada da nova «grelha», surge com o programa «Oceano Atlântico», que ainda hoje mantém no ar. Um programa essencialmente cultural que tem recebido calorosa recepção por parte de um público que, não estando muito habituado a

este tipo de programação está, afinal, sedento dela.

Uma parte do programa é ligada «directamente» ao Oceano Atlântico. Temas como os Descobrimentos Portugueses, o Triângulo das Bermudas, Atlântida, vida no fundo dos oceanos, os grandes abismos, o Mar dos Sargaços, rios portugueses, desfilam todos os sábados, entre as 21 e as 23 horas, pela mão do nosso colega. Numa outra parte, Matos Alves lê poesia que lhe é enviada pelos ouvintes, produzida pelos próprios ou de autores portugueses (entre outros, tem passado Fernando Pessoa, Almeida Garrett, António Nobre, Sophia de Mello Breyner, Sebastião da Gama, Luís de Camões). Uma rubrica intitulada «Notícias do Mar», com novas retiradas de publicações especializadas e um passatempo, com perguntas e prémios, integrado numa outra — «Cozinha do Mar» (onde, por pesquisa ou colaboração dos ouvintes, divulga todas as semanas uma receita de prato de peixe) — completam o programa.

Um «senhor» na rádio

O toque de profissionalismo que coloca no seu programa faz com que chovam os convites para outras rádios. Foi assim que entre Janeiro e Março deste ano, aos sábados, fez o «Café Concerto» na «Rádio Concerto», de Gondomar; mas desistiu, porque tinha que prescindir do almoço (era das 13 às 15 horas) para fazer o programa...

Neste curto espaço de tempo aprendeu que «A rádio é um bicho que se entranha dentro das pessoas. Quando o Boavista joga no horário que tenho para o Oceano Atlântico e, por isso, fico sem fazer o programa, já não me sinto o mesmo!» — disse-nos. É que ele sente uma «jovialidade brutal» quando acaba o programa: «É aliciente falarmos para um microfone. Por vezes pergunto-me se estará alguém a ouvir. Mas no outro dia tinha seis LP's para oferecer e recebi quarenta e cinco chamadas em vinte e um minutos... Isto numa rádio local, com um programa cultural, e tendo em conta

as opções que as pessoas têm, é obra!»

O facto de se saber ouvido exige-lhe cada vez mais um enorme cuidado na preparação dos programas. Duas noites por semana é o tempo que gasta a preparar as suas duas horas de emissão. A entrevista é um estilo que vai abordando, sempre que pode: já entrevistou o seu professor de História, do Liceu; e o «Duque da Ribeira», figura típica da cidade do Porto que se notabilizou (e tem sido visitado por Presidentes da República e outras altas individualidades!) por ser ele quem vai retirar os corpos, quando há naufrágios no rio ou alguém se atira da ponte, na zona da Ribeira. Conhecendo o rio como as suas próprias mãos, o «Duque da Ribeira» tem, até, um busto, mandado fazer por alguém ligado às Belas-Artes, que tarda em ser colocado na Ribeira...

Outras entrevistas estão na «calha». Entretanto, vai passando António Rios, Max, Francisco José, Tony de Matos, Frank Sinatra, Pepino di Capri, The Platters, que encham o espaço musical do programa: «As pessoas já escolhem qualidade e têm direito a ela. A actual situação das rádios livres não pode continuar. E, além da ordenação de frequências, para que se possa trabalhar em condições é necessário que a legislação exija isso mesmo: qualidade!»

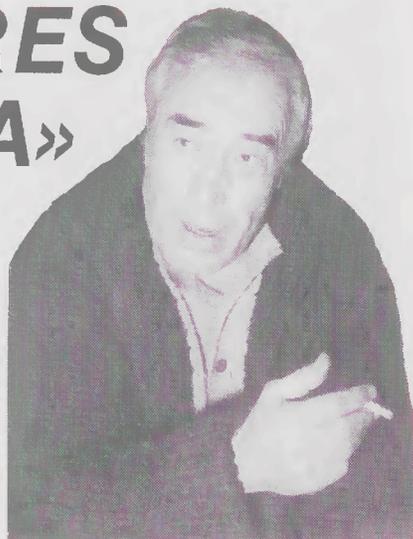
A família que se merece!

Matos Alves disse-nos que a Rádio Clube Portuense vive da publicidade e que já toda a gente que ali trabalha ganha dinheiro. Um investimento de três mil contos foi o necessário para que, com uma potência de 1000 W no emissor, esta rádio arrancasse com um raio de acção Aveiro/Vila Real/Viana do Castelo.

Dimensionada, portanto, já «em grande», esta Rádio não prescinde da colaboração do nosso colega Matos Alves que, por outro lado, não poupa a sua própria família a elogios: «O sábado, o fim-de-semana, sempre os considere como o espaço próprio para estar com a família. Mas eles compreendem esta minha nova paixão e deixam-me fazer rádio!...»

Se estão no raio de acção da Rádio Clube Portuense, ouçam Matos Alves já a partir do próximo sábado: FM — 107.1 MHz, das 21 às 23 horas. E depois digam lá se ele merece ou não a família que tem!...

JOSÉ CARDOSO PIRES «ALEXANDRA ALPHA» E O PORTUGAL QUE NOS MENTEM



José Cardoso Pires é um dos mais altos expoentes do romance português contemporâneo — basta pensar em «O Hóspede de Job», «O Delfim», «Balada da Praia dos Cães», títulos bem conhecidos do grande público — mas cultivou também, com igual brilho, outros géneros, como conto, ensaio e teatro.

Traduzido para diversas línguas, já foi distinguido com os mais cobiçados galardões literários, designadamente, entre os nacionais, o Prémio Camilo Castelo Branco e o Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores.

Com 62 anos de idade, e continuando a escrever pouco e devagar (e bem!), como é seu hábito, acaba de dar à estampa, cinco anos depois de «Balada da Praia dos Cães», mais um romance: «Alexandra Alpha».

Trata-se aí, no fundo, e à semelhança do que já acontecia nos seus anteriores romances, de um implacável escalpelizar de alguns mitos que continuam a alimentar a sociedade portuguesa dos nossos dias. Trata-se de um livro amargo, e mesmo pungente, onde as personagens mais conscientes precisam de *inventar o país* que é o seu — que é o nosso — para *caberem nele*.

O autor prontificou-se, muito amavelmente, a receber em sua casa a equipa de R.E. e a falar um pouco de si e do seu último livro. Para ele e para sua mulher, a colega dos Serviços Médicos, Edite Pereira, os nossos agradecimentos.

Rede Eléctrica — No seu último livro os «bons» — chamemos-lhe assim, por comodidade de expressão — não triunfam no final. Morrem, e até de morte violenta. É assim tão pessimista a sua visão do presente e do futuro deste país?

José Cardoso Pires — Penso que tive no livro a preocupação de desvendar os dois rostos das personagens e também o do Portugal que nos ensinaram e que nos mentiram. O lado céptico, que está muito em evidência no livro, pretende contrapor-se ao optimismo corrente que todos os políticos, toda a história e toda a moral oficiais praticam na relação com o país. É portanto um contraponto necessário da nossa realidade.

Se o livro tivesse ficado pela revolução do 25 de Abril, a carga pessimista seria muito menor, simplesmente iria sugerir um optimismo que eu considero excessivo.

RE — Há no livro uma maior autenticidade nas mulheres. De uma maneira geral, são mais interessantes e até mais livres do que os homens. Alguma razão de fundo para que assim tenha acontecido?

JCP — Nas mulheres há uma busca

de identidade, com o país e com a sociedade, que é maior do que nos homens. Isso porque nessa altura, e mesmo hoje, elas ainda não desfrutam das mesmas condições sociais, embora contempladas com os mesmos direitos constitucionais.

RE — Qual o seu romance que considera mais conseguido?

JCP — O meu romance mais conseguido é sempre aquele que no momento estou a escrever.

RE — Praticamente sem excepções, a crítica tem acolhido favoravelmente os seus livros. Quer comentar?

JCP — Temos muito poucos críticos hoje. Em contrapartida, há um jornalismo cultural de alta qualidade. Nenhum escritor gosta de ser maltratado pela crítica, mas penso que esta, boa ou má, se dirige muito mais aos leitores do que ao próprio escritor. Penso que os conduz, bem ou mal, e que se afirma, bem ou mal, a ela própria. Mas a verdade é que há sempre uma atitude reticente do escritor em relação à crítica, seja por excesso seja por defeito.

RE — De que figuras ou movimentos literários, nacionais ou estrangeiros, se considera devedor,

ou pelo menos próximo?

JCP — Em relação a movimentos, acho-me devedor de todos, excepto dos que considero menores, como o «nouveau roman».

No que se refere a figuras, cito, dentro da literatura estrangeira, o Hemingway, o Vittorini e o Melville e, dentro da portuguesa, o Fernão Mendes Pinto. Dentro dos poetas portugueses, destaco especialmente o Herberto Helder e o Pedro Tamen, que são para mim os nossos dois poetas mais importantes depois de Pessoa.

RE — Indique três romances universais que o tenham impressionado particularmente.

JCP — «Guerra e Paz», de Tolstói, «Ulisses», de James Joyce, e «O amor nos tempos de cólera», de Gabriel Garcia Marquez. Considero este último uma das grandes obras-primas deste século.

RE — Pensa que a literatura portuguesa actual atravessa, como dizem alguns, uma fase de excepcional florescimento?

JCP — Não considerando o meu caso, acho que é indiscutível que sim.

RE — A EDP é uma empresa com milhares de trabalhadores. Destes, um número indeterminado escreve: para a gaveta, para os jornais, ou sonhando vir a publicar um livro. Tem alguma mensagem para eles?

JCP — Penso que não há nada mais negativo e mais frustrante do que escrever para a gaveta. Tão importante como escrever é fazer com que alguém nos leia. Isso tem que ser procurado à margem do nosso dia a dia, muitas vezes com esforço, amargura e o complexo de frustração que vêm de uma mudança de ambiente. Por mim, publiquei o meu primeiro livro quando era funcionário de uma companhia de aviação comercial e só há quinze anos passei a viver da literatura.

Pequenos Anúncios

SINCLAIR — Estou interessado em contactar com os utilizadores deste sistema para a troca de programas e também de informações do computador Spectrum + 2 128 K Plus. (Marco António Borges Lopes, Rua Ribeiro Teles, 646, r/c Dto. — 4445 Ermesinde).

MÁQUINA DE TRICOTAR — Singer estado nova. Com móvel. Vendo. (Gustavo Elbling, R. Adelino Mendes, Qta. Mendes — 2765 São Pedro do Estoril — Tel. 2685602.)

VENDO BICICLETA — De corrida para adulto com mudanças e praticamente nova. Está devidamente legalizada. Contacte-me para serviço (dia) ou domicílio (noite e fins-de-semana). (Luís Filipe M. P. Ribeiro, Av. Cap. Ant.º Gomes Rocha, lt. 7, Bl. 32-2.º C — 2745 Queluz — Tels. 4372752-538833 Ext. 667.)

VENDO MÁQUINA — De escrever Royal velha e antiga, pela maior oferta. (Eduardo Négrier Cunha, Av. Miguel Bombarda, 72-3.º Dto. — 2745 Queluz — Tel. 950805.)

SOU COLECCIONADORA — De calendários de bolso. Gostaria fazer troca dos mesmos. (Maria Helena Silva Barbosa Neves, Rua 1.º Dezembro, 258-3.º Dto. — 4450 Matosinhos — Tels. 936294-934046.)

KAYAK — Compro, em fibra de vidro, com pagaia e saiote. (Maria Margarida C. Timóteo, R. Prof.ª Virgínia Rau, lt-6, 2C — 1600 Lisboa — Tels. 7583136-7263013.)

GERADORES DE ELECTRICIDADE — Com motor Diesel ou turbina a água — Vende, instala e presta assistência — António de A. Capela — Palmeira — 4700 Braga

— ou Santa Cruz Rôge 3730 Vale de Câmbra. (António de Almeida Capela, Santa Cruz Rôge — 3730 Vale de Câmbra — Tel. 42456.)

VENDO ATRELADO — Tenda Pluma — EDP, Crestuma — Tel. 7651480 — Alexandre Herculano L. Sousa. (Alexandre Herculano L. de Sousa — R. Diogo Cão, 129 — 1435 Rio Tinto — Tel. 9891480 — PHBXD — Crestuma / Levar — Tel. 7651480.)

VENDO DEPILADORA — Eléctrica automática a cera de marca Troia, duas utilizações inclui cera — (Maria Arlete Piedade M. Alfaia — Rua de Nampula n.º 6 1.º Dto. — 2675 Odivelas — Tels. 9815324.)

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 — MAMÍFERO CARNÍCEIRO DAS REGIÕES TROPICAIS, CUJO PELAME É COBERTO DE PINTAS NEGRAS; Cabelos brancos. 2 — Chefe etíope; Antiga cidade da Caldeia; Boneco de trapos. 3 — Quatro, em numeração romana; Preço do frete (pl.). 4 — Creme; Grande porção; Nota de música. 5 — Suf. de agente; Neptúnio (s.q.); Antiga moeda romana de cobre. 6 — MAMÍFERO PINÍPEDE DO PACÍFICO; Rio costeiro de França. 7 — A minha pessoa; Espaço de doze meses; Mil e um, em numeração romana; Borrás de vinho. 8 — Divisão numerada de um tratado; Estanho (s.q.). 9 — Partícula afirmativa, no antigo dialecto do Norte de França; Partido (fig.). 10 — NOME VULGAR DOS MAMÍFEROS DA ORDEM DOS QUIRÓPTEROS, QUE TÊM ASAS MEMBRANOSAS, E SE ASSEMELHAM A UM RATO; Espécie de sapo da região do Amazonas. 11 — Levára a reboque; Curar. 12 — Érbio (s.q.); Cento e um, em numeração romana. 13 — GRANDE MACACO ANTROPOMORFO DE

SAMATRA E DE BORNÉU.

VERTICAIS: 1 — GRANDE MAMÍFERO PERISSODÁCTILO DAS REGIÕES QUENTES, CARACTERIZADO POR UM OU DOIS CHIFRES NO FOCINHO. 2 — Limpar; Discurso. 3 — Estás; Essência imaterial da vida humana. 4 — Cantarolar; Espécie de golfinho. 5 — Ponta aguçada; MAMÍFERO FÉLIDA MOSQUEADO. 6 — Apre; Rata; Prata (s.q.). 7 — Bismuto (s.q.); Natural de Goa. 8 — Causar sofrimento; O dono da casa, em relação aos criados; Centúrio (s.q.). 9 — Corda de reboque; Costurava. 10 — GÉNERO DE MAMÍFEROS ANFÍBIOS CARNÍVOROS, SEMELHANTES À FOCA E VULGARES NOS MARES ÁRTICOS; Laço apertado. 11 — O cinto das calças; Condimento; Produzir (invert.). 12 — Pref. de negação; Crença; Vogal (pl.); Batráquio. 13 — Coiro curtido; TERMO GERAL QUE SERVE PARA DESIGNAR TODOS OS MARSUPIAIS.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS: 1 — LEOPARDO; CAS. 2 — VAR. UR. MONO. 3 — IV. CARRITOS. 4 — NATA; ROR. FA. 5 — OR. NP. ASSE. 6 — OTARVA; AA. 7 — EU; ANO; MIA. 8 — ARTIGO; SN. 9 — OIL; COR. 10 — MORCEGO; ARU. 11 — TOARA; SA. RAR. 12 — ER; CI. 13 — ORANGOTANGO.

VERTICAIS: 1 — RI. NOCERONTE. 2 — LA. VAR. ORO. 3 — ES. ALMA. 4 — CANTAR; ORCA. 5 — PUA; PAN. TERA. 6 — ARRE; ROI; AG. 7 — BI; GOES. 8 — DOER; AMO; CT. 9 — TOA; COSIA. 10 — MORSAS; NO. 11 — COS. SAL; RAREG. 12 — AN. FE; IS; RA. 13 — SOLA; CANGURU.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
11													
12													
13													

COSTA PEREIRA: UM ARQUITECTO REFORMADO QUE RECUSA A INACTIVIDADE

José Manuel Costa Pereira nasceu na cidade do Porto (freguesia do Bonfim), a 29 de Julho de 1920. Em 1953, entrou para a Companhia Hidroeléctrica do Cávado, como desenhador. Possuía já o curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes do Porto, mas faltava-lhe a tese final, então indispensável para a conclusão da licenciatura, trabalho que apresentou mais tarde. Da Hidroeléctrica do Cávado transitou para a CPE e, depois, para a EDP. Aposentou-se há dois anos, por limite de idade, que não por velhice.

«Para mim estar reformado, significa poder levantar-me às horas que quero. Saí da empresa não por velhice, como administrativa ou burocraticamente está classificado, mas por limite de idade. Continuo a elaborar e a acompanhar os meus trabalhos, mas agora, que estou reformado da empresa, com outra liberdade de horários.»

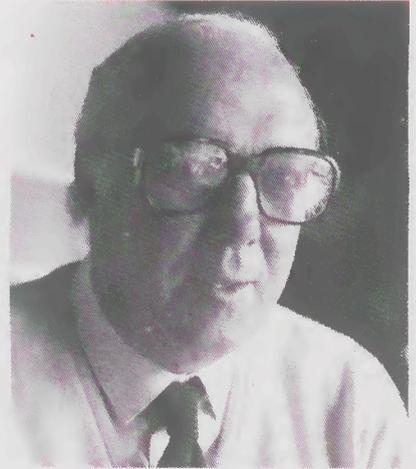
O arquitecto Costa Pereira desarmamos assim, a abrir uma conversa que se transforma num testemunho de vida.

Para ele não se colocou a «outra alternativa», isto é, «sair da empresa para não fazer nada, aborrecer a mulher e dar cabo da paciência dos filhos». Isto seria, talvez, a velhice que ele (com boas razões) recusa. «Você está no activo — atira-nos — e já deve saber que uma das coisas que mais custa a suportar é estar

numa empresa, fechado, sem ter nada que fazer. Isto, a mim, sempre me custou e, por analogia, uma reforma, em total inactividade, custar-me-ia igualmente muito.» Esta recusa da inactividade é coerente.

Foi e é um desportista

O arquitecto Costa Pereira foi sempre e ainda é um desportista, um homem para quem a prática do desporto é «uma necessidade fisiológica». Hoje pratica algum ténis e golfe, que considera mais um vício do que um desporto, mas tempos houve em que praticou quase todas as modalidades («talvez só não tenha feito patinagem»). O Futebol Clube do Porto namorou-o, quando começou a evidenciar-se na equipa do Colégio João de Deus, mas Costa Pereira



recusou o convite e o lugar foi preenchido por Correia Dias.

Campeão Nacional

No Sport Clube do Porto, foi campeão nacional (juniores) em salto em altura, correu os 100 e os 400 metros e ainda os 110 metros barreiras. Isto sem esquecer a vela e, principalmente, o andebol de 11, modalidade em que brilhou de tal forma que foi capitão da selecção nacional.

«No andebol de 11, modalidade diferente do actual andebol de 7, o de 11, mais bonito, uma espécie de futebol jogado com as mãos, fui disputado por muitos clubes e quantas vezes, ao regressar de uma digressão do Sport Clube do Porto, era emprestado ao Futebol Clube do Porto ou ao Centro Universitário do Porto para reforçar as respectivas equipas numa viagem ao estrangeiro», recorda Costa Pereira.

Recordar: um verbo que não se lhe ajusta

Recordar, eis um verbo que não se ajusta a este «reformado», que recusou, registou-se, o «ano propedêutico» que a empresa, na despedida, proporciona a todos os que se preparam para a reforma — diminuição do horário, alargamento do período de férias.

Matar saudades... ... sem saudosismos

Reconhece, no entanto, que ao fim de trinta e tal anos de trabalho e de convívio se criam laços de amizade entre quantos privam, num tal período, dias inteiros, e que é saudável aparecer de quando em vez para «matar saudades». Sem saudosismos.

Saudosismos que não se coadunam com quem, já no final desta conversa, voltou a garantir sentir-se «muito bem na reforma», da qual retirou, como um dos grandes benefícios, a conquista de poder levantar-se às horas que quer.



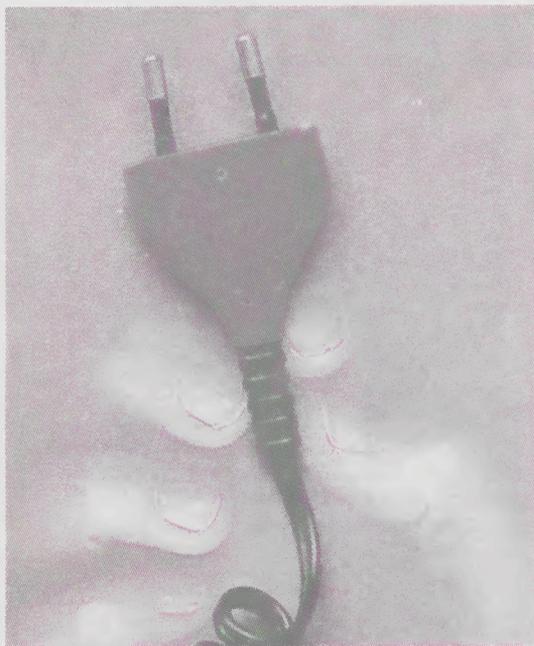
SEGURANÇA EM CASA

Todos sabemos que anualmente ocorrem milhares de acidentes domésticos, boa parte deles mortais e que causam sofrimentos e prejuízos incalculáveis. No entanto, muitos deles serão facilmente evitáveis se se criar, em todas as pessoas da família, um equilibrado «sentido de segurança» que, de certa maneira, funcionará como uma espécie de vacina.

Falaremos hoje de alguns cuidados a tomar relativamente aos aparelhos domésticos mais habituais nas nossas casas.

— Respeite sempre as instruções do fabricante; em relação aos aparelhos a gás, deve evitar-se dormir, ou sair de casa, sem fechar as torneiras de segurança (não esqueça que as fugas de gás, a darem-se, podem ocasionar explosões perigosíssimas).

— Não utilize os aparelhos



eléctricos, inclusive o telefone, com as mãos molhadas e os pés imersos em água. A água é condutora e o contacto com a aparelhagem eléctrica cria condições ideais para se ser electrocutado em caso de avaria.

— Não puxe à distância o fio condutor de ligação de qualquer electrodoméstico. Arrisca-se a deteriorar com mais facilidade o condutor e a criar condições para um futuro defeito de isolamento.

— Uma coisa que os trabalhadores da EDP nunca deverão fazer é reforçar os fusíveis dos quadros de distribuição, pois estão, assim, a criar condições para um incêndio. Se possível (e isto é capaz de ser coisa de que ainda não se lembraram) substituam os fusíveis por disjuntores de potência adequada às necessidades das vossas casas.

Sugestão de Passeio

COIMBRA/MONDEGO/AGUIEIRA

Agora que os dias bonitos estão entre nós, chegou a altura de pegar no marido, nas crianças, no cão e na Tia Rosalina (que nunca vai a parte nenhuma) e dar um passeio.

Não gostamos de nos gabar (pois...) mas a sugestão que lhe vamos apontar é ótima: Coimbra (essa bela e culta terra), «cidade universitária» desde 1290; com uma Sé Velha, românica; um Arco Almedina com 800 anos; uma Igreja de Santa Cruz, manuelina; e um Jardim Botânico de pasmar. Depois de visitar estes pontos obrigatórios, acompanhe o Mondego, estrada acima até à Agueira.

Enquanto o faz, imagine-se a cruzar as águas dentro duma barca serrana que aqui se reproduz; e, se estiver com a criatividade em bom nível, junte o seu nome ao rol de poetas que este rio já inspirou: faça uns versos!

Com um pouco de sorte, pode ser que consiga visitar a Central. Se assim for, explique ao seu cão que, lá dentro, não há postes de iluminação pública; e deixe-o no carro. Se não, vá até ao coroamento da barragem e aprecie a vista (tente imaginar uma povoação — Foz do Dão — com duas dúzias de habitações e uma pequena ponte;



está a algumas dezenas de metros por debaixo do lençol de água!). Na ida e na volta, gaste parte dos retroactivos nos restaurantes e casas de pasto que

abundam na zona e onde, geralmente, se come muito bem. Na ida ou na volta, não esqueça as ruínas de Conimbriga. Nunca é demais visitá-las!

SABEMOS TUDO! OU NÃO?

Conseguirá esta página transformar-se na sua Enciclopédia Prática, leitor? A ideia é essa. Você põe a pergunta e nós vamos revolver o «mundo» para conseguir uma resposta!

Dando-se o caso de, no nosso universo de conhecimentos (em todos os sentidos...) não conseguirmos nada que o/nos satisfaça, publicaremos mesmo assim a sua pergunta, apelando à sabedoria dos outros leitores.

Campanhas para melhor utilização de energia

Pergunta: Fala-se muito em «utilização racional de energia». Porque é que a EDP não faz campanhas sistemáticas no sentido de sensibilizar a população para isso?

Resposta: A EDP já fez algumas campanhas com esse objectivo e está a preparar-se para assumir um papel ainda mais actuante na matéria.

Em relação ao que já foi feito, será de sublinhar a edição da brochura «Economias de energia eléctrica nas instalações industriais» e a criação de serviços de consultadoria, no âmbito das Direcções de Distribuição. As duas acções talvez tenham passado despercebidas do grande público, pois, visando, como visam, os consumidores industriais (que, aliás, representam a parte maioritária dos consumos eléctricos) e os variadíssimos problemas específicos, desenvolveram-se em contactos directos, sem recurso aos órgãos de Comunicação Social e longe, portanto, das grandes audiências. Daí, talvez, a (falsa) ideia de que a EDP não tem actuado neste domínio.

De toda a forma, é necessário reforçar a actuação da Empresa, muito em particular no campo dos consumos e consumidores domésticos. Neste momento, estão em preparação folhetos sobre essa matéria, que contemplam, não só

indicações sobre a rendibilização das características dos equipamentos electrodomésticos, como alguns conselhos práticos que podem conduzir a menores consumos sem perda da qualidade de vida dos consumidores.

Valerá a pena sublinhar, todavia, que o sector eléctrico representa, apenas, cerca de 18 por cento de todos os consumos finais de energia em Portugal e que alguma racionalização nos consumos de electricidade se pode traduzir, pura e simplesmente, na opção por outras formas de energia. Essa é, como é óbvio, uma área em que cabe a outras entidades, designadamente a Direcção-Geral de Energia, o papel de liderança. À nossa Empresa cabe apenas, e para retomarmos um «slogan» que em tempos usámos numa campanha informativa, ajudar os consumidores a não gastar sem proveito os kilowatts-hora.

Cascais inaugurou a electricidade em Portugal

Pergunta: Quando é que chegou a electricidade a Portugal?

Resposta: A primeira vez que, no nosso país, se acendeu uma luz eléctrica, foi em 28 de Setembro de 1878, em Cascais.

Tratava-se de seis candeeiros do tipo Jablochhoff (à base de arco voltaico), ou seja, do mesmo tipo dos que, três meses antes, tinham sido ensaiados na iluminação da Praça da Ópera, em Paris.

A 28 de Setembro festejava o Príncipe D. Carlos o seu aniversário, razão que esteve na base de acontecimento tão insólito para a época. Posteriormente, D. Luís ofereceu os candeeiros à Câmara Municipal de Lisboa, que os colocou em outros tantos locais da cidade: Rua Victor Córdon, Chiado, Largo do Picadeiro, Praça de Camões, Largo das Duas Igrejas e na varanda do Hotel Gibraltar, ao tempo situado na Rua Serpa Pinto. A respectiva Central estava localizada na Rua Serpa Pinto e contava com a considerável potência de oito cavalos vapor...

Pagamentos de energia eléctrica por transferência bancária

Pergunta: Por que é que a EDP não publicita mais o pagamento dos consumos através de transferência bancária?

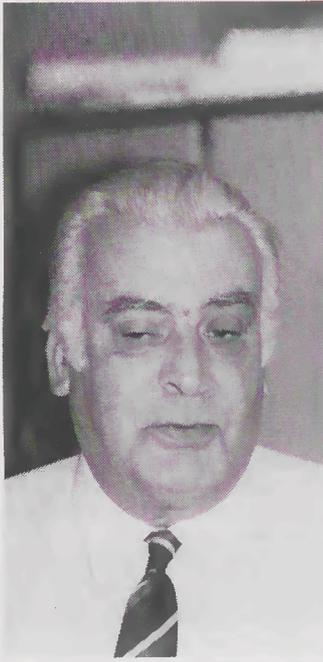
Resposta: A EDP tem aproveitado todas as oportunidades para recomendar essa opção de pagamento, que é, frise-se de passagem, extremamente cómoda para os consumidores e vantajosa também para a EDP, designadamente no que ela acarreta de simplificação de processos.

É certo que são ainda poucos, em termos relativos, os consumidores que pagam os seus consumos através de transferência bancária. O estudo que fizemos dessa realidade apurou que a pouca utilização dessa opção não tem que ver com um desconhecimento dessa possibilidade (bem pelo contrário, a generalidade dos consumidores conhece-a), mas sim com receios de que um qualquer dia possa ser apresentada à cobrança uma factura de valor inesperado, que esgote ou até ultrapasse o saldo da conta bancária. É fácil compreender esse receio, mesmo que possamos contrapor que uma factura só terá valor verdadeiramente inesperado num caso de erro (por exemplo, de digitação de dados) e que esses erros são raros e, tão logo detectados, prontamente solucionados.

É neste domínio, pois, que temos de actuar prioritariamente, e estamos a fazê-lo, com a adopção de processos de facturação que permitam ao consumidor conhecer com antecedência o valor que irá ser apresentado à cobrança. À medida que se for conseguindo introduzir estas inovações no processo de facturação, fará então sentido publicitar mais a hipótese de pagamento através de transferência bancária.



Quem é Quem



Elmano Soares de Sá. Cinquenta e nove anos, casado, tem dois filhos e um neto. Natural de Tremês (Santarém), é do signo do Caranguejo. Oito anos de antiguidade na empresa. Escriturário na Direcção Central Administrativa e Logística (DAL). Trabalha em Lisboa.

O que mais o preocupa?

A fome no mundo. Preocupa-me ainda mais do que as guerras. Sobretudo impressiona-me pensar (e ver) nos seus feitos nas crianças.

O que acha dos computadores?

São máquinas maravilhosas que me fazem uma confusão que eu sei lá! E que, a pouco e pouco, vão tirando o trabalho ao homem...

Gosta de andar a pé?

Gosto. E ando mesmo muito a pé, porque faz bem, é saudável, e faz umas pernas bonitas!

Qual é o seu passatempo favorito?

Tenho muitos: vejo televisão; faço colecção de selos e postais; faço versos de vez em quando (gosto muito de poesia).

Quanto à sua profissão, sente-se bem nela?

Sinto e, digo-lhe mais, gosto até bastante do que faço!... Só há um pequeno problema: é que faço muito mais do que me compete (trabalhos gráficos, etc.) e não ganho mais por isso... Inclusive, há uma vaga de 5B no meu departamento e eu, que já reclamei e tudo, continuo no 5A! É pena que se dê mais importância às habilitações literárias do que às provas dadas na prática...

O destino? A Deus pertence?

Sou religioso e acredito que há qualquer coisa para além da morte. Também estou convencido de que quando nascemos o nosso destino já vem traçado.

O que é para si uma loucura?

Bom, se falarmos de loucura a sério, é uma infelicidade para quem a possui, até porque não há psiquiatra que a cure. Mas se é uma loucura no sentido de «coisa excepcional», então... sou louco por loucuras!

Comente: Benfica-4, Sporting-1

É um bocado triste comentar isso, porque sou sportinguista. Mas acho que o Benfica ganhou bem, com justiça e merecimento. E até lhe posso dizer que, como sportinguista, desejo que a minha equipa favorita seja arredada das competições europeias! Para fazer uma triste figura...

É que, ainda por cima, além de ter tido a tristeza de ver a minha equipa perder, perdi também um almoço numa aposta!



Eugénia de Jesus Pereira dos Santos e Santos. Trinta e cinco anos, casada, tem dois filhos. Natural de Lisboa, é do signo Virgem. Dezanove anos de antiguidade na Empresa (ex-União Eléctrica Portuguesa) é Escriturária Comercial I. Trabalha no Centro de Distribuição Torres Vedras, da Direcção de Distribuição Tejo (Lourinhã).

Gosta de estar só?

Às vezes; sobretudo quando estou triste, e preciso de reflectir, tenho absoluta necessidade de estar só.

O que gosta mais de fazer?

De um modo geral, cozinhar. Adoro (desde que também coma, é claro!), estar na cozinha a preparar refeições para grupos grandes. O convívio é a minha maneira normal de estar na vida. Só no Verão é que não troco uma praia por nada...

Arrepende-se muitas vezes do que faz? Ou do que não faz?

Não. Já em pequenina costumavam dizer-me que eu era demasiado madura!

Onde é que quer chegar?

Particularmente, quero chegar a ser uma cidadina que se sente bem no «campo» (mudei-me recentemente de Lisboa para Santa Cruz). Profissionalmente, quero fazer o possível para ser útil aqui, na Lourinhã, pondo ao serviço de um jovem departamento da Empresa os conhecimentos que, ao longo de dezanove anos, adquiri noutros postos de trabalho, em Lisboa.

O homem vive só de pão?

Embora esteja sempre pronta para comer, acho que é evidente que não... São precisas muito mais coisas! Quer que faça uma lista?

O que detesta mais?

Detesto ser agredida (no sentido de ser obrigada a fazer o que não gosto ou não quero). E detesto situações confusas, intrigas, enfim, todas aquelas fases melindrosas do relacionamento humano que resultam da falta de frontalidade.

Qual é a sua flor preferida?

O cravo vermelho.

Acha que anda no ar a III Guerra Mundial?

Se calhar anda... Mas penso que talvez se consiga vencer as duas superpotências a destruir o seu arsenal bélico e a prosseguir os caminhos da paz.

Idealista?

E como é que eu agora ia dizer que não?

VISITA DO MINISTRO DINAMARQUÊS DA ENERGIA À CENTRAL DE CASTELO DO BODE E AO NOVO DESPACHO NACIONAL

Svend Erik Hovmand, Ministro da Energia da Dinamarca, visitou no passado mês de Março o aproveitamento hidroeléctrico de Castelo do Bode e o futuro Despacho Nacional, em Sacavém.

O Ministro, que inaugurou, em Lisboa, no dia 24, o Simpósio Dinamarquês sobre a Energia, visitou ainda a exposição de modelos de barragens, bacias e estuários, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, e os Centros de Combustão e de Ensaio de Energia das Ondas, do Instituto Superior Técnico.

Com o Ministro da Energia da Dinamarca, deslocaram-se à Central de Castelo do Bode, o Embaixador daquele País em Portugal, o Governador Civil de Santarém e os presidentes da Câmara Municipal de Tomar e da Região de Turismo dos Templários.

O Eng.º Téc. Teles de Meneses, Chefe do Grupo de Centrais do Zêzere, coadjuvou o Presidente do Conselho de Gerência, Eng.º Raul Bessa, e o Director-Geral da DOEX, Eng.º Lucena Ferreira, nos esclarecimentos dados à comitiva durante a visita à Central.

Em Sacavém, Svend Erik Hovmand, acompanhado pelo Embaixador da Dinamarca no nosso país, foi recebido pelo Presidente da nossa Empresa e pelo Administrador, Eng.º Cruz Filipe, estando presente o Ministro da Indústria e Energia, o Eng.º Mira Amaral.

Na Sala de Conferências do edifício, onde está em fase de instalação o Novo Despacho Nacional, e após as boas-vindas, dadas pelo Eng.º Raul Bessa, os Eng.ºs António Vidigal e Neto de Aguiar apresentaram exposições sobre a finalidade, o funcionamento do novo Despacho e o sistema de transmissão que suporta a respectiva rede de dados. Conduzidos pelo Eng.º Henrique Moreira os visitantes aperceberam-se das potencialidades e da interactividade dos equipamentos do Novo Despacho; capacidades que mereceram, nomeadamente por

parte do Ministro da Energia da Dinamarca, algumas interjeições de admiração. Como o Eng.º Vidigal havia referido

durante a sua exposição, trata-se, efectivamente, de uma instalação das mais avançadas do seu género na Europa.

Os Livros de Visitantes de Castelo do Bode



Aí está, na foto, Svend Erik Hovmand, Ministro da Energia da Dinamarca, o assinar o «Livro de Ouro dos Visitantes» do aproveitamento hidroeléctrico de Castelo do Bode. Fê-lo em 25 de Março de 1988... Desde 1957 que ninguém o assinava!

Por qualquer motivo, a prática de dar a assinar os livros de visitas a quem ia ver aquele aproveitamento foi abandonada ainda no tempo da Hidroeléctrica do Zêzere. Dizemos livros porque havia (e há!) um outro, intitulado apenas «Livro dos Visitantes», que era dado a assinar às visitas de «segunda categoria». E, para dar uma ideia das altas individualidades cuja assinatura consta no «Livro de Ouro», bastará dizer que o actual Rei de Espanha, Juan Carlos, quando ali se deslocou em 25 de Abril de 1950 — como «simples» membro da família real espanhola, no exílio — teve que se contentar em assinar o «Livro de Visitantes»! Ele, e os seus pais...

MINI-HÍDRICAS AÇORIANAS REJUVENESCIDAS COM PROJECTO DA DODT

A convite da Empresa Insular de Electricidade (EIE), dos Açores, e através da Direcção Central dos Serviços Especiais (Cooperação Externa), a Equipa de Projecto do Sistema Produtor da Direcção de Distribuição Tejo (DTEX/SP) realizou, recentemente, os projectos de remodelação de quatro centrais

mini-hídricas daquela Região Autónoma.

Para três dessas centrais, que constituem o Sistema Hidroeléctrico da Ilha Terceira (Cidade, S. João de Deus e Nascente), o projecto incluía a remodelação dos equipamentos eléctricos e dos sistemas de

protecções e, ainda, a automatização a telecommando. Para a central do Varadouro, a remodelação tinha em vista a automatização.

As obras projectadas por esta equipa da nossa empresa terão início a curto prazo, já que a EIE se prepara para as adjudicar.

BRIGADA SALVA JOVEM

Recentemente, a Brigada do Departamento de Condução da Exploração do CD Coimbra salvou de afogamento a jovem Elisabete Conceição Neto, de dezasseis anos de idade. Pouco passava da uma hora da tarde quando a Elisabete desceu ao rio Mondego, pelo paredão que suporta a sua margem esquerda, no intuito de ir buscar uma bola com que ela e alguns dos seus colegas da Escola Preparatória Silva Gaio jogavam. Só que, depois, não conseguia subir...

Vindos do almoço, pela margem direita do rio, os nossos colegas António Ferreira Calhau, José Gil Pimentel, Carlos Manuel Pereira e José Oliveira Pereira, dirigiam-se ao seu carro de trabalho quando se

aperceberam da situação, para a qual a sua atenção foi chamada pela grande aglomeração de jovens na outra margem do rio.

Correram para o carro, passaram para a outra margem e lançaram à Elisabete uma corda. José Gil Pimentel desceu ao Mondego e trouxe a perturbadíssima jovem salva, ante o gáudio e o alívio de todos quantos assistiram à manobra. Não consta que os Sapadores Bombeiros, chegados após a consumação do salvamento, se tenham queixado da concorrência...

Aos nossos decididos, corajosos e oportunos colegas dirigimos calorosos cumprimentos. Salvar uma vida é, efectivamente, algo que justifica... uma vida!

LISBOA QUER ESTENDER «A RATOEIRA» AO RESTO DO PAÍS

O Grupo de Teatro da Delegação de Lisboa do Clube de Pessoal declara-se à disposição de todas as outras Delegações para aí representar «A Ratoeira», de Agatha Christie, com a garantia de qualidade de encenação do nosso colega Bento Martins que, se bem se lembram, desempenha idênticas funções no Grupo de Carnide.

Nota curiosa é a de que esta peça (que o Grupo já apresentou, em 1979, mas repôs no passado dia 20 de Maio, na sede do Clube em Lisboa) tem feito um sucesso estrondoso em Londres, estando a ser levada à cena, ininterruptamente, há já alguns anos.

USAR ÓCULOS VAI SER MAIS BARATO

A EDP está a contactar firmas especializadas no comércio de óculos, em todo o País, no sentido de estas poderem vir a fazer descontos aos trabalhadores da empresa, na aquisição de lentes e armações.

Os descontos incidirão sobre a diferença entre a soma das participações da EDP e da Previdência e o preço real dos óculos, tendo-se conseguido já a adesão de algumas casas da especialidade, que estão dispostas a conceder descontos de 10 a 15%.

Oportunamente será divulgada a lista dos estabelecimentos envolvidos no esquema.

O POIO A PÓVOA E O MUSEU

Pois é. Além de outras «gralhas», menores, o n.º 78, do jornal «Rede Eléctrica» continha uma de peso: o repórter, CHEIO DE FORÇA, decidiu mudar o monumento ao Eng.º José Custódio Nunes da barragem da Póvoa para a do Poio... Um leitor atento (obrigado!) lá achou que aquilo era impossível e nem sequer se deu ao trabalho de ir verificar, in situ, o sucesso da mudança. Escreveu-nos a dizer que o monumento está, efectivamente, na Póvoa.

Já que estamos na Póvoa, valerá a pena aproveitar para deixar registado algo que não ficou dito na reportagem sobre o Sistema Nisa: todo o material existente na Central, quer fique ou não em funcionamento após a efectivação das remodelações noticiadas, manter-se-á ali. Assim, aquele aproveitamento hidroeléctrico transformar-se-á num «museu vivo», anfitrião potencial e maravilhoso de quem quiser ver com os próprios olhos como se produzia, «antigamente», electricidade.

EXEMPLOS DE TRÊS TECNOLOGIAS NA BARRAGEM DE BELVER

O aproveitamento hidroelétrico de Belver, em conjunto com o de Pracana, forma o Sistema Tejo-Ocreza, (cuja exploração está a cargo da Direcção de Distribuição Tejo).

Os responsáveis pelo seu funcionamento encontram-se, à espera que os caudais diminuam para que se possa dar início à revisão do Grupo II — o que prevê-se, deverá acontecer no mês de Maio.

Uma grande e uma pequena reparação por ano é o ritmo a que



se tem feito, ao nível das comportas, a conservação em Belver. O problema dos resíduos sólidos que as atingem — tão velho como a própria barragem — assim o exige. O facto de encerrar em si exemplos de três tecnologias (quatro grupos instalados em 1952, à data da construção; um grupo, em 1971, e mais um, em 1980) tem suscitado a visita de técnicos das mais diversas proveniências. Em Fevereiro, por exemplo, deslocou-se a Belver um engenheiro da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

ALTERNATIVA AO FUEL

Carvão liquefeito ou em pó pode ser a alternativa ao fuel, tendo em vista a redução da poluição.

As investigações estão a ser realizadas pelos cientistas australianos com o apoio da Organização de Investigação Industrial e Científica da Commonwealth (CSIRO) interessado em aplicar o novo combustível nas caldeiras, motores a diesel de baixa rotação, bem como, nas turbinas a gás.

Este combustível conterà, somente, 0,1 por cento de substâncias minerais responsáveis pela fuligem contra os 6 e 20 por cento de carvão tratado segundo os métodos convencionais.

O custo do novo combustível deverá ser menos de metade do preço de custo da produção de energia a partir do fuel pesado na Austrália.

PEQUENO MUSEU EM CASTELO DO BODE



Carimbos, barramentos, fotos, lamparinas, livros, capacetes, medalhas e material de escritório têm já o seu futuro salvaguardado, numa sala da central de Castelo do Bode, onde, assim, emerge um pequeno Museu da Electricidade, feito por todos — a melhor maneira de não ser ignorado!

O Eng.º Téc. Teles de Meneses (Responsável pelo Grupo de Centrais do Zêzere) falou-nos nisso, um destes dias, nos seguintes termos: «Aqui, tudo é considerado de museu! Porque se hoje ainda não é antigo, daqui a trinta anos, sê-lo-á, com certeza...»

O certo é que este espírito de conservar as coisas ditas «velhas» se mantém desde há tempos em Castelo do Bode. Muito do material de que já se dispõe foi oferecido por colegas nossos que não acataram ordens superiores e, em vez de queimarem ou mandarem para o lixo as peças em questão, as levaram religiosamente para casa, preservando-as de tão agreste destino.

Por enquanto ainda algo desarrumado, o pequeno museu de Castelo do Bode fará, por certo, dentro em breve, as delícias das centenas de crianças que, semanalmente, visitam a barragem e a central. Para que no futuro seja mais fácil acreditar que é importante manter vivo o passado...

SUÉCIA RENUNCIA AO NUCLEAR

A decisão de renunciar, progressivamente, à energia nuclear tem sido levada a cabo pelo Governo sueco em função dos resultados de um referendo organizado em 1980. A paragem do primeiro reactor deverá acontecer em 1995.

A Suécia dispõe, actualmente, de doze reactores operacionais que garantem 50 por cento da electricidade do país.

Como alternativa as autoridades suecas pensam optar pela produção hidroeléctrica ou centrais a carvão.

O investimento está orçado em cerca de 25 milhares de coroas. Sabe-se, no entanto, que o preço do Kilowatt custará o dobro do obtido com a central nuclear, dado que a Suécia terá que importar carvão.

Paralelamente, a contribuição da energia nuclear, na

Checoslováquia, vai duplicar nos próximos 11 anos. Assim, no ano 2000 a produção de energia nuclear será da ordem dos 50 por cento.

Por outro lado, a participação do sector térmico clássico será reduzida de 70 para 40 por cento.

Entretanto, o académico soviético, prémio Nobel da Paz, André

Sakharov, em artigo publicado no jornal «Notícias de Moscovo», defendeu a tese de que a União Soviética deverá, no futuro, construir centrais nucleares subterrâneas. Segundo Sakharov é uma alternativa onerosa mas muito mais segura.

FUSÃO DE «GIGANTES» DA INDÚSTRIA ELÉCTRICA

Duas empresas seculares, com tradições no campo do fabrico de equipamento para a Indústria Eléctrica — a ASEA AB, da Suécia, e a BBC Brown Boveri Ltd., da Suíça, fundiram-se no passado dia 1 de Janeiro, dando lugar à nova companhia denominada ABB Asea Brown Boveri Ltd., com sede em Zurique, na Suíça.

Esta fusão repercute-se nas suas representações directas no nosso país (a ASEA Eléctrica, Lda., e a BBC Brown Boveri, Lda.), de há muito fornecedores da nossa Empresa, criando-se agora a Asea Brown Boveri, Lda., com sede em Lisboa e um escritório de vendas no Porto.

O Grupo ABB é, agora, líder europeu nas suas áreas de actividade — ligadas à indústria em geral e em particular à indústria eléctrica — e líder mundial da energia nuclear.

Investindo anualmente 1,1 biliões de dólares em investigação e desenvolvimento, a ABB tem a trabalhar, só neste sector, aproximadamente 11 000 trabalhadores.

Os seus principais concorrentes são as companhias europeias Siemens, AEG, CGE/Alstom, GEC, as japonesas Hitachi, Toshiba e Mitsubishi e as americanas General Electric e Westinghouse.

PRESIDENTE DO CONSELHO DA EDP DE GERÊNCIA

O Eng.º Raul Bessa, Presidente do Conselho de Gerência da EDP, desde 1985, e administrador da Empresa, desde a sua criação, cessa as suas funções, no fim do corrente mês de Maio, a seu pedido, em virtude de atingir sessenta e três anos de idade, quarenta dos quais

dedicados ao serviço do sector eléctrico nacional.

Antes de ingressar no Conselho de Gerência da Electricidade de Portugal, EP, o Eng.º Raul Bessa havia desempenhado funções de Gerência na União Eléctrica Portuguesa.

FARO: LEVAR MAIS LUZ AO INTERIOR ALGARVIO

Ter electricidade é bom, aprenda a poupá-la — dizia um autocolante artesanal, feito pelo Bruno, aluno da Escola Primária de Corsino (Freguesia de Marmeleite, concelho de Monchique). Quando o ofereceu ao repórter «Revista EDP», ao fim da tarde, de 22 de Abril, acabara de ser ligado o último dos cinco postos de transformação que levam luz a outras tantas localidades daquela Freguesia, da área do Centro de Distribuição Faro.

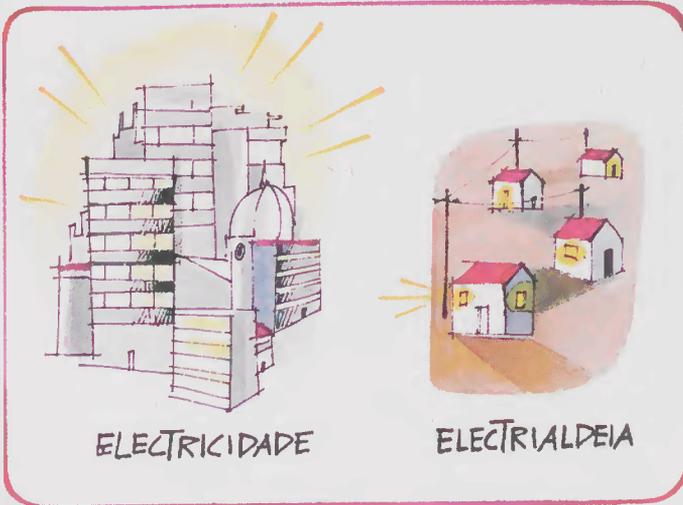
Da comitiva que se encarregou destas inaugurações faziam parte, entre outros, os presidentes da Junta de Freguesia de Marmeleite e da Câmara Municipal de Monchique e o responsável pelo Centro de Distribuição Faro da nossa empresa. Vinte e oito mil quatrocentos e sessenta e cinco metros de rede (BT e MT) garantem agora o fornecimento de energia eléctrica a Corsino, Três Figos de Cima, Três Figos de Baixo,

Enxamiador e Romeiras; o empreendimento implicou um investimento de cerca de quarenta e dois mil contos.

A breve prazo, o CD. Faro levará electricidade ainda a mais trinta e dois lugares dos concelhos de Tavira, Silves e Alcoutim, com um investimento que ronda os cento e cinquenta mil contos. As respectivas redes de BT e MT, construídas nestes concelhos, têm um comprimento total de quase oitenta quilómetros.

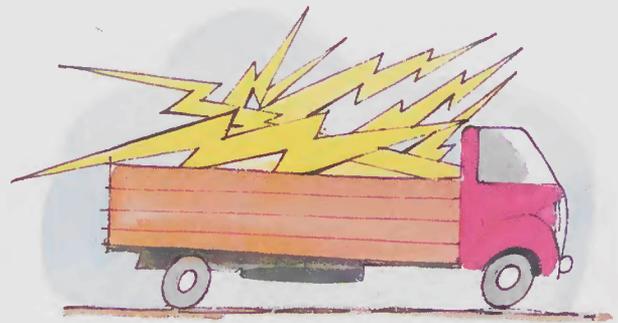
A electricidade irá levar a mais estas povoações o conforto e a possibilidade de desenvolvimento económico necessários à fixação dos seus habitantes; e ao eventual regresso daqueles que, ao longo dos anos, as têm abandonado em busca de uma qualidade de vida que a sua própria terra não lhes proporcionava...

ELECTRODICONÁRIO



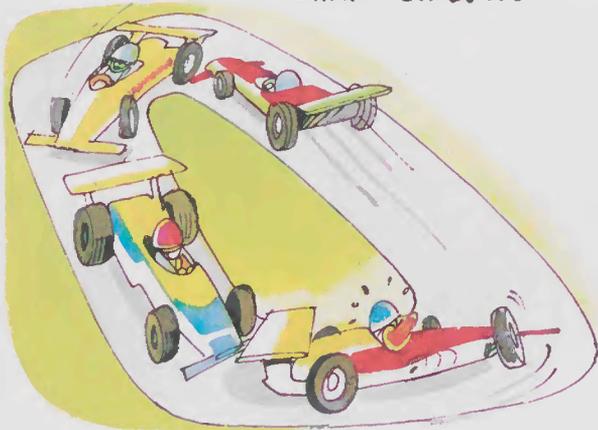
ELECTRICIDADE

ELECTRIALDEIA



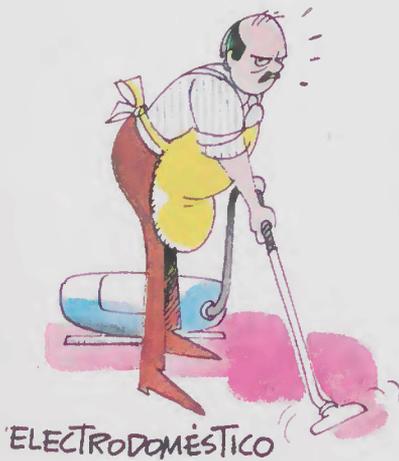
CARGA ELÉCTRICA

CURTO-CIRCUITO

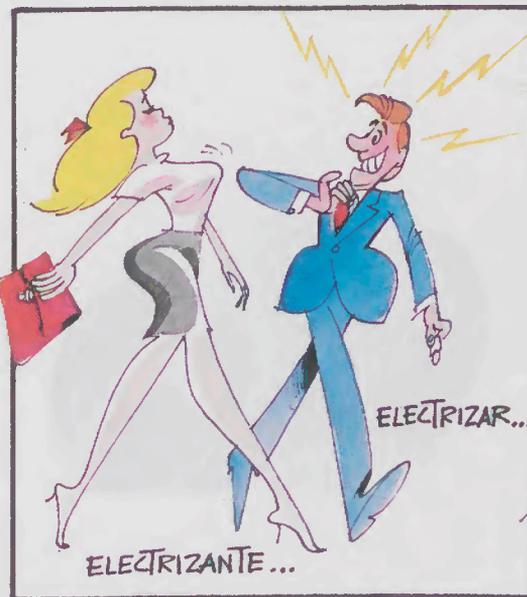


GERADOR

ZÉ MANEL

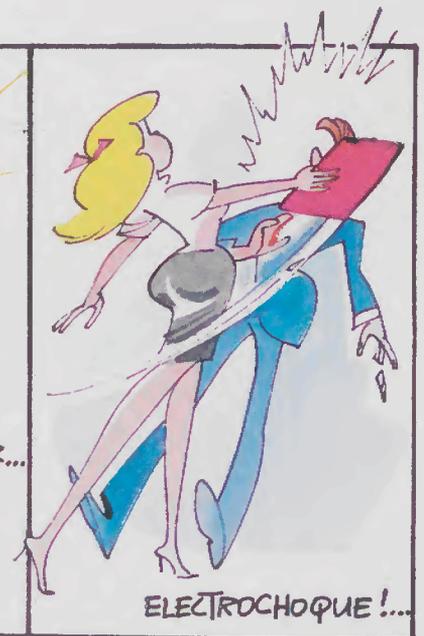


ELECTRODOMÉSTICO



ELECTRIZAR...

ELECTRIZANTE...



ELECTROCHOQUE!...



**O progresso
também se pode
integrar
na natureza**

Barragem da Régua



Electricidade de Portugal